

ALTERNATIVA L

ISSN 2965-5870

FERNANDA EGASHIRA

REBUCETEIO

O QUE É
SER LÉSBICA?

THAIS LEONARDO DOS SANTOS

NOTAS SOBRE O ABANDONO: ESTAR SÓ E O AMOR ENTRE MULHERES

POETA LIBÉLULA

POEMAS LIBERTOS

Vol. 15, N° 23, outubro de 2023.

EDITORIAL

Sheila Costa

UM BRINDE À OUSADIA SAPATÃO

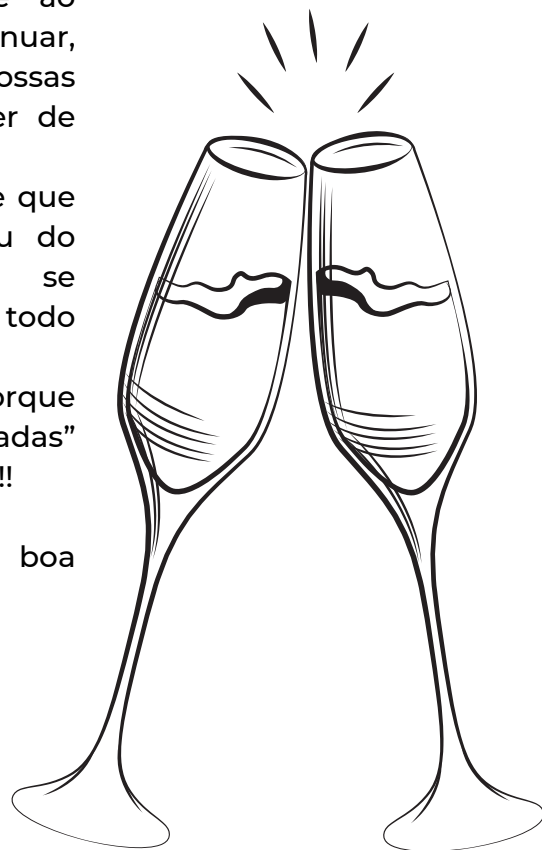
Estou há dias pensando o que vou escrever neste editorial dessa revista que nos enche de orgulho há 9 anos.

Quando começamos a produzir a Alternativa-L passamos por muitas emoções paradoxais, desejo, medo, angústia, vontade de desistir e ao mesmo tempo ânimo para continuar, após lermos os comentários das nossas leitoras ou colaboradoras no fazer de cada edição.

O que nos alimenta é a certeza de que em algum lugar desse Brasil ou do mundo uma menina/mulher se identifica com a escrita e com todo conteúdo das edições.

A Revista Alternativa-L resiste porque existem mulheres “mal comportadas” fazendo História junto com a gente!!

Um brinde à ousadia sapatão e boa leitura!



SUMÁRIO



Capa: Márcia Ferrari

Fotografia: Simone Almeida

05

O que é ser lésbica

Diversas respostas

15

A playlist que não era pra ser

Lis Selwyn

18

Ode à colmeia -

Kelly Martins

19

“Aquela Amiga”

Guta Diniz

22

Respeitável público

Pombal

23

**Carta desobediente da minha corpa
lésbica - Necylia Monteiro**

28

Um dia, há, de não ser eu

Aryn Felixs

29

A monja e a travesti

Natália Cristophe

34

Rancho das Calcinhas

Ana Ladeira

35

Lésbica, preta e ...mãe!
Gabriela Souza

38

Apaixonante
Maria S. Duarte

39

Notas sobre o abandono: Estar só e o amor entre mulheres
Thais Leonardo dos Santos

43

Me assumi
Jéssica Nunes

46

O viver é coletivo
Calopsita Amil

47

Inferno de um “Dante” lésbico
Marcela Reis

49

Ser lésbica é Revolucionário
Nay Rosário

51

1%
Mariana Mamede

53

Rebuceteio
Fernanda Egashira

61

Terrasanta
Aldaraquel

63

Solidão da mulher negra
Micheli Moreira

65

Poemas Libertos
poeta Libélula

Contexto Histórico

Sheila Costa
Isabela Aroca

Mundo: No fechamento desta edição o planeta está com conflitos, disputas e ensaios para guerras : Ucrânia x Rússia, Ataques higienista em território Armênio, Israel contra o Hamas. Após ataque em um evento em território israelense e por consequência o povo Palestino está de novo sofrendo bombardeios constantes por ser colônia de Israel e passa por escassez em seus suprimentos de água, gás e alimentos. Assistimos o horror da guerra pela TV e rede sociais

Brasil: No dia 10 de Outubro de 2023, por 12 votos a 5, a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei que proíbe o casamento homoafetivo. A medida é do deputado Pastor Eurico (PL-PE), o PL 580/07. O Lesbofóbico alegou que em trechos bíblicos e nas culturas antigas julgava-se a homossexualidade um “fenômeno repreensível” e defendeu que o casamento tem finalidade de procriação e nada mais.

Mas calma, respira... Essa foi uma Comissão de Pessoas de extrema direita, conservadoras, facistas, racistas, homofóbicas, misóginas... E AGORA?

Esse projeto de Lei existe e isso só nos mostra o quanto ainda somos perseguidos e mortos. O Brasil é o país que mais mata LGBTQIAPN+ no mundo.

Por esse motivo fiquem atentos, esse PL ainda está em análise.

O QUE FALTA?

A proposta ainda passará pela análise nas Comissões de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial e também seguirá para a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ). Sendo aprovado é encaminhado para o Senado.

A LUTA CONTINUA!!!

O Casamento Homoafetivo Continua! Nossa Luta Continua!

NÓS EXISTIMOS
RESISTIMOS
LUTAMOS

O QUE É SER LÉSBICA

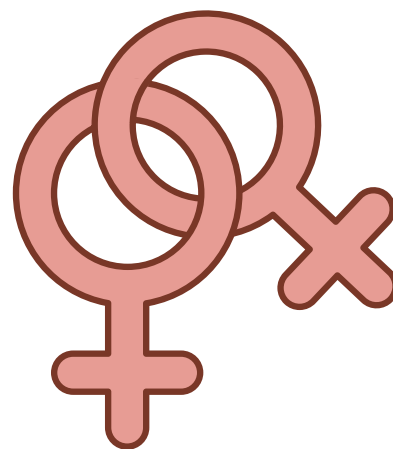
A gente vive perguntado nas redes sociais o que é ser lésbica para nossas seguidoras/leitoras, as respostas sempre são as mais diversas. Em cada ciclo de respostas ficamos curiosas em saber como as lésbicas se organizam, produzem cultura e conhecimento e como essa produção é registrada garantindo a manutenção da preservação de uma memória lésbica brasileira. Uma das formas de chegar perto das respostas seria conversar com essas mulheres nas regiões brasileiras e tentar traçar um perfil das lésbicas do Brasil (a intenção era essa). Foi assim que surgiu o programa de entrevistas online, o BR SAPATÃO, que nasceu durante a pandemia de SARS-COVID em 2020, conversou com dezenas de mulheres de coletivos ou de ações individuais de norte a sul do território nacional brasileiro e nunca encontramos uma definição única, sobre o SER lésbica.

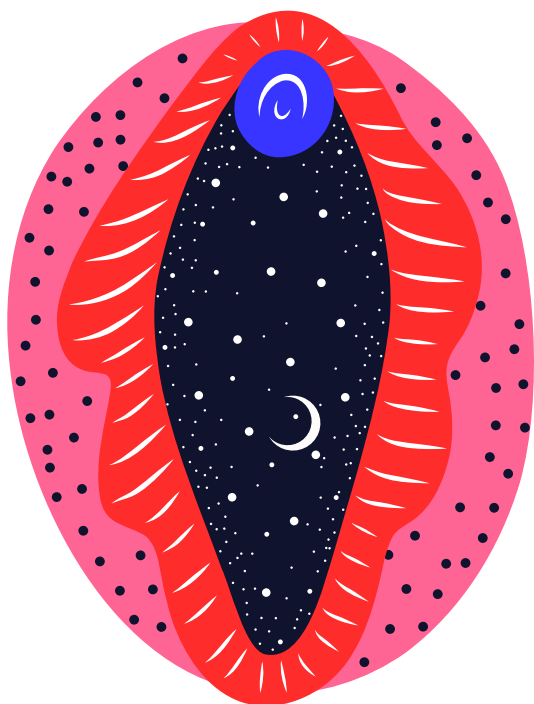
As respostas expressam a realidade da diversidade do povo brasileiro.

A Cada região deste país as lésbicas estão lutando para existirem, para validar seus direitos, para poder andar de mãos dadas nas ruas sem serem agredidas, estamos lutando para exigir nosso estado de direito garantido na Constituição.

Direitos básicos não são respeitados, nossas “corpas” são agredidas, violadas, menosprezadas, largadas, negligenciadas e ou abandonadas... Ao longo do país existem muitos projetos de ações sociais nos bairros mais afastados dos grandes centros urbanos, as periferias fervem em cultura e cuidados com as mulheres lésbicas e bissexuais. Amamos conversar com as mulheres e conhecer suas lutas para garantir os direitos conquistados, que muitos insistem em anular. Ser lésbica é plural, é a resistência em cada uma de nós...

É apreciar os frutos das lutas das que vieram antes de nós.





Renascer Lésbica

Por Cristina Stevanin

25/05/2023

Imagem: Banco free

Toda vez que uma mulher lésbica se levanta, evoca ancestralidade, seus pés descalços ecoam o chamado da Terra. Braços estendidos ao alto em cânticos atravessam ventanias.

A força de suas palavras deslizam em timbres erógenos sobre sua pele até se conectar ao solo fértil do próprio ventre. Fecha seus olhos, inspira e expira profundamente no ser e estar no mundo!



SER LÉSBICA

Texto: Mariana G. Mendes

Imagem: Banco free

Ser lésbica cabe mais que uma definição...

uma vivência partilhada, mas singular ao mesmo tempo.

Falar sobre nossa subjetividade/prática é algo complexo, e que a cada dia, tem carecido mais de espaços.



SER LÉSBICA

Texto: Milena Muralha

Imagem: Banco free

Ser sapatão é ressignificar o orgulho de ser quem somos.

É amar e ser amada por mulheres e como isso é encantador.

É sentir a liberdade ao descobrir que não precisamos dos machos para viver nossa vida de forma plena.

Saber que quando somos xingadas na rua é porque nossa existência e visibilidade incomoda e vai diretamente contra ao patriarcado.



MEU LUGAR

Andressa Farias, de Santana do Livramento/RS

Imagem: Banco free

Me perguntaram: Como é ser lésbica na sua cidade?

Vou te falar: é difícil, independente da idade.

Você se pergunta: "quantas vezes terei que baixar a cabeça por cordialidade?"

Esconder quem eu sou para agradar a sociedade.

Ser eu, agride a sua integridade, suas tradições, costumes, suas trivialidades; ser você oprime minha liberdade.

Seu preconceito atinge eu e toda minha comunidade.

Queria que soubesse que não irei mais baixar a cabeça, você terá que olhar para mim e lembrar da minha existência, da minha capacidade, da minha inteligência e do meu lugar.

E sei que irá te incomodar, porém, estarei sentada na primeira fileira que é o meu lugar.

SER LÉSBICA

Ser força e amor ❤️ ser
lésbica é muito além de
orientação.

Katiolimpio

Ser lésbica para mim é ser. É
viver a expressão do meu amor,
do meu desejo. Uma parcela da
minha existência, que ama
diferente do que uma sociedade
estabeleceu como certo. E ao
contrário do que essa sociedade
acredita, eu não amo errado.
Errado é quem não compreende
que amor é único, não importa
como se expresse. Se for amor é
libertador. Todo o resto reprime,
sufoca e mata. Sou lésbica e amo
ser quem sou!

Alessandra Reis

Depende. Ser lésbica, negra e
gorda? Que é chamada de
palmiteira ou militante demais.
Ser lésbica na questão do
desejo, da troca de afeto é
maravilhoso. Ser lésbica numa
cidade que nos massacra é
desafiador.

Joice.Avancini

É ficar um dia e
já querer casar no outro haha

Kelly FerreiraF

Ser e estar eu .. é pra mim é
maravilhoso; me assumi aos 47
..e estou muito feliz.

Telma Persio

É desafiar tudo aquilo que
disseram ser errado e mesmo
assim amar ❤️

Cris-Atl

Ser lésbica negra para mim
é estar viva, é poder,
é a minha sanidade.

Nanda Sarrada no Brejo

SER LÉSBICA

É viver verdadeiramente todos os dias, é quebrar barreiras o tempo todo, é aprender a tomar conta de mim, é poder me divertir além do que é convencional e tradicional, é ter orgasmos sem precisar de um homem, é apreciar o feminino em todas as formas, é poder estar confortável na própria pele e se sentir suficiente pra viver do meu jeitinho, é viver livre ♥

Roberta_ab

É amar uma pele macia 😍 E se deliciar a cada pedacinho de um corpo feminino 🔥 ♥ amooooo

Mari Lima

Eu não uso essa definição. Sou uma mulher que tem a liberdade de me relacionar com outra mulher sem essa definição.

Sandra Vida

Ser lésbica é um pouco complexo até o ponto de nos conhecer tão bem e não ficar lutando contra. Pelos relatos e julgamentos que vemos da nossa própria família como não ser natural, ou só uma fase confusa da adolescência. Gostaria de responder com mais naturalidade sobre como é ser. Mas ainda é confuso.

Daniela Costaw

Essa pergunta é a base de muita coisa, principalmente relacionamentos afetivos. Responder pra si...disso que estou falando. Porque, vai ver ao longo da vida, com olhos de inteligência e muita sabedoria, que para muitas mulheres, ser lésbica é ter tesão por outra mulher, é se vestir exteriormente de lésbica, é conhecer bares e baladas gls, ...e tudo vem. Porém, talvez, ser lésbica, de vc para vc, seja algo muito maior do que isso. E nesse caso, duas, às vezes, não chegam ao um.

Silvinha

O QUE É SER LÉSBICA NA REGIÃO, ESTADO, CIDADE OU BAIRRO QUE VOCÊ MORA?

Texto: Giovanna Baptista
Ilustradora e Designer @ggbaptista

Ser lésbica no interior de São Paulo é uma experiência que pode trazer desafios e conquistas singulares. Em meio a uma sociedade que ainda lida com preconceitos e estereótipos. Mulheres que amam outras mulheres enfrentam uma jornada de autodescoberta e busca por aceitação. O interior com suas raízes tradicionais e conservadoras, pode impor obstáculos adicionais para as lésbicas que vivem ali. A falta de representação e espaços de acolhimento pode gerar isolamento, fazendo com que muitas se sintam invisíveis ou receosas em expressar sua orientação sexual.

Por outro lado, essa realidade também é moldada pela força e resiliência das lésbicas que, apesar dos desafios, encontram formas de se conectarem e se apoiarem mutuamente. Grupos de amigas, coletivos ou comunidades online podem servir como refúgios para compartilhar experiências e construir laços de afeto.

Além disso, ao longo dos anos, muitas lésbicas têm lutado para romper com o estigma e se afirmar na cidade. Eventos culturais, manifestações e a luta por direitos têm contribuído para um maior reconhecimento da diversidade sexual e a construção de uma sociedade mais inclusiva.



Ser lésbica em uma cidade do interior pode significar um caminho de superação e empoderamento, desafiando padrões sociais, mostrando a riqueza da diversidade e ensinando lições valiosas sobre o respeito à individualidade de cada pessoa.

No entanto, é importante destacar que as experiências podem variar amplamente, e nem todas as vivências serão iguais. A jornada de cada lésbica é única e merece ser respeitada, valorizada e compreendida em toda a sua complexidade. O objetivo é que a cidade e toda a sociedade avancem em direção a um espaço mais inclusivo, onde a diversidade de orientações sexuais seja respeitada e celebrada.

Leve como lésbica

Texto: Ju Granja

Me sinto leve.

Hoje posso gargalhar.

Digo isto, porque já chorei demais.

Chorava, porque não cabia mais.

A vontade de gritar,

A insuficiência de respirar,

O desejo de ser inteira...

Durante anos, eu quis ser aceita.

Cega. Só queria ser amada... sabe?

Pelos próximos / "família", engano.

Tentei me enquadrar na heteronormatividade.

Consumida, não havia mais

saúde mental pra sorrir.

Gargalhar genuinamente como hoje... jamais!

Revolta, angústia e a vontade de me

rasgar de dentro pra fora.

Quis o fim, tentei.

Recebi muitos diagnósticos, doparam-me.

Apaguei durante alguns anos.

Mas acordei, levantei e enfrentei.

Diagnósticos, que hoje, vejo se dissolver.

Esvaindo como areia fina das mãos.

Será que eram mesmo CIDs ?

Ou apenas uma pessoa encarcerada

pelo sistema machista e patriarcal?

Sufocada e pedindo socorro?

Desisti, insisti e resisti.

Desisti de querer ser aceita por essa gente.

Insisti em me cuidar, me tratar e enfim me amar.

Resisti e existi na minha verdade.

liberta e sem cascas.

Sem cacos e sem caos de fato.

Sendo eu, sendo lésbica, sendo leve.

Hoje posso gargalhar .



Mais um dia



Andressa Farias

Imagem: Banco de imagens free

Eu não tenho propriedade para falar, mas ela tem. Ela é alta, linda, possui cabelo curto e cacheado, com certeza é a mulher mais linda que eu tenho a sorte de ver todos os dias.

A nossa vida é linda, nossa história também, mas isso não significa que não sofremos, e como sofremos. Somos duas mulheres, mulheres homossexuais; ela é uma mulher, homossexual, preta, com cabelo curto. Então sim, sofremos, mas eu ainda possuo privilégios que ela não.

Levantamos da cama, nos beijamos e começamos mais um dia, tomamos café juntas, conversamos, rimos, eu lavo a louça enquanto ela guarda. Nos vestimos e saímos de casa, não nos damos as mãos, temos medo, ela mais que eu, com razão.

Caminhamos na rua afastadas, porém, conversando e sorrindo, as pessoas ao nosso redor nos olham com certa estranheza, seguimos o caminho.

Chegamos no mercado, pegamos o carrinho e começamos a andar pelos corredores procurando pelo que nos interessava. Uma mulher passa, olha para ela e fala com licença, moço, falamos em uníssono: é moça. Seguimos o caminho, mas este episódio afeta o dia.

Às vezes, ela conversa comigo sobre essas situações; ela coloca brinco; veste roupas estereotipadas como femininas; tudo para que não aconteçam episódios como esse, mas quase sempre acontece.

Ela me conta das vezes que já foi chamada de moço, das pessoas olhando para tentar definir seu gênero, me conta do tratamento desumano que sente, por ser mais uma mulher, preta, homossexual com cabelo curto. E o mais triste disso tudo, é que este é apenas mais um dia comum para ela.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

M A R I A N A G . M E N D E S
I M A G E N S : B A N C O D E I M A G E N S
F R E E

Coloco-me diante de você

pronome oblíquo

mas pra mim é reto

o papo

Pois de tantas andanças fora e dentro

...repetia consciente

Não se vive sem amor!

Não se vive sem amor!

Aos cálidos ventos

de inverno

Suplicou apaixonado

o sujeito que era oculto.





#UNINDOESTRADAS





Texto: Lis Selwyn

ilustrações: JAe @todacortemseuvalor

Já está tarde quando eu abro a playlist que criamos em uma madrugada qualquer

Eu duvido que você a mantenha em seu celular, mas ela está aqui no meu, ainda que eu não tenha escutado mais depois que tudo aconteceu. “*Depois que tudo aconteceu*”, é algo bem amplo, quando nem eu sei o que aconteceu. Às vezes me pergunto se você sabe ou, se simplesmente, só aconteceu. A chuva que bate de forma agressiva na janela me deixa em alerta. Lembro de todas as noites que passamos juntas enquanto São Paulo tomava um banho de verão e de como você me dizia que chuvas fortes assustavam. Penso em você.

Se está em casa, em segurança, ou se está presa no trânsito em algum lugar da cidade porque trabalhou até tarde. Você sempre teve medo de temporal e eu amava te abraçar e dizer que ia ficar tudo bem.

Esses dois extremos resumiam bem a gente: você era sol e eu era a chuva, você iluminava e eu transbordava. Às vezes o abraço não era suficiente para espantar o medo e, em outras vezes, ele nos levava para cama e entre os lençóis nos perdíamos no tempo até restar apenas uma garoa fina lá fora. Aos poucos o tudo bem passou a não bastar porque parecia difícil acreditar que tudo ficaria bem em um ano com tantos temporais como aquele. Eu nunca fui otimista, mas queria ser por você e nessas de querer ser, descobri que otimismo em excesso pode ser tão venenoso quanto o pessimismo.

Passo os olhos por cada uma das músicas que colocamos ali naquela playlist no calor do desejo. Ela é tão a nossa cara que meu corpo se arrepia ao lembrar de todas as vezes que transamos às três da manhã ao som dela. Mãos, bocas, pele, gemidos e você me levava para outra órbita. Uma órbita que era nossa e onde nada poderia nos atingir.

Nossas listas de músicas individuais diriam que éramos incompatíveis, nossos amigos também e até nossos gostos alimentares (com exceção da farofa). Mas eu sentia tanta compatibilidade com você, tanta conexão, que era difícil acreditar que não éramos para ser.

Eu era do rock e você da mpb. Mas eu quis conhecer todas as suas músicas favoritas, de Caetano à Majur, só para ter assunto com você. O tempo mostrou que a preocupação com o assunto era besteira, vinte quatro horas por dia era pouco para o tanto de assunto que tínhamos e em pouco tempo você me conheceu mais do que eu mesma. Nossos assuntos invadiam madrugada e, em algumas delas, quem me invadia era você. Eu nunca te contei, mas essas eram as minhas madrugadas favoritas, porque o que tínhamos era além do corpo, era uma coisa de alma.

Lembro até hoje quando em um almoço de domingo você insistiu para que eu experimentasse aquele arroz árabe de aparência estranha, porque tinha certeza de que eu iria gostar.

“Eu odeio lentilha, como vou gostar de arroz árabe?” Foi a primeira coisa que eu disse quando encarei o arroz misturado com lentilha e uma camada de cebola caramelizada por cima.



A esfiha de queijo parecia uma opção muito mais segura, já que eu era o tipo de pessoa que dizia que comia comida árabe só pelo fato de comer quibe e esfiha, mesmo que fosse aquela esfiha da promoção do Habib's que vendia na frente da faculdade.

“Experimenta!” Você insistiu com aquele ar de quem conseguia prever tudo.

Você estava certa. Eu experimentei. Eu gostei. E agora, toda vez que eu como arroz árabe, lembro de você, dos seus olhos miúdos e castanhos me encarando de cima a baixo e do sorriso exibido no canto dos lábios vermelhos dizendo:

“Viu só, nenê.” Com aquele apelido que eu sempre achei brega, mas que na sua boca fazia minha nuca inteira se arrepiar.

O arroz árabe, as músicas, a latinha na estante, os apelidos e alguns dias que eu jamais vou esquecer. Você deixou tanta coisa boa, que é difícil acreditar no fim. Às vezes, me pergunto se te deixei algo de bom, algo que faz você se lembrar e sorrir, quando tudo parece caótico demais ou, se pelo menos, a saudade ficou. Espero que tenha ficado, porque de você em mim sobrou quase tudo.

Você nunca acreditou na nossa história. Lembra quando insistiu para que criássemos uma versão qualquer dela? Amizade de infância? Esbarrão no shopping? Colegas de trabalho? Ou qualquer outra versão que eu não estava disposta a substituir, porque a nossa versão era muito melhor. Ironicamente, agora estou eu aqui, na companhia da chuva que você odeia, do último vinho que sobrou na geladeira e da nossa playlist, inventando versões para tudo o que não fomos capazes de viver.

Fecho o Spotify antes de perder a noção de tudo e colocar a primeira música para tocar. Ela começa logo com uma música da Liniker e se eu escutar essa música uma hora dessas, depois de duas taças de vinho, corro o risco de enviar uma mensagem para você. E eu não quero fazer esse papelão – não de novo.

Guardo o celular na gaveta - só por precaução - e coloco mais um pouco de vinho. O líquido bordô preenche a taça e não posso deixar de pensar em como tudo começou com um vinho, naquela noite de inverno no litoral, e agora tudo se encerra com um também. Será que é isso que chamam de encerrar o ciclo? Bem, eu não sei. Mas sei que este é o seu vinho favorito, que combina com tantas coisas suas favoritas que você deixou aqui que me pergunto o quanto deste apartamento ainda é meu, o quanto ainda sou eu.

Você dizia que eu tinha mania de acumular as coisas: meias coloridas, cd's antigos e ingressos de cinema. Eu nunca acreditei que era uma acumuladora até acumular a saudade que você deixou. Porque quando ela ameaça a ir embora, é quando mais a guardo em mim, com medo de soltar e ela ir embora de vez, levando tudo o que restou de você aqui.

Noite passada eu sonhei com você. Isso não acontecia há algum tempo. Você me acordou pedindo para que eu acompanhasse você no banho, como fazíamos desde quase sempre. Segurei na sua mão e segui até chegarmos no banheiro. Sentei na tampa do vaso sanitário enquanto você se despia, me contando todos os problemas que teve no trabalho. Eu quase nunca tinha uma solução para os seus problemas, mas amava o fato de você confiar em mim e conversar comigo sobre praticamente tudo. Amava escutar você falar sobre qualquer coisa e durante o banho todo foi assim: eu, você e as nossas conversas.

Quando você saiu do chuveiro, secando o cabelo com a toalha, seus olhos me encararam como quem conhecia todos os meus pontos fracos. E você conhecia mesmo. Lembro de um último estremecer no baixo ventre antes de acordar e da frustração ao perceber que o despertador tinha me levado para longe de você.

Você não estava na cama, no apartamento e em lugar nenhum. Encarar o vazio foi como ver você ir embora mais uma vez. Dizem que levamos cerca de metade do tempo de um relacionamento para superar o coração partido. Mas me pergunto: e quando esse tempo já passou? Uma. Duas. Três vezes.

Eu olho o livro que você deixou para trás. Não tive coragem de guardar na estante junto com os meus, acho que mantenho uma expectativa boba de que você vai aparecer a qualquer minuto para buscá-lo - para me buscar. Talvez eu nunca consiga cumprir aquela promessa que você me fez fazer no final de setembro, de beijar você na virada do seu próximo aniversário. Talvez, o meu último pedido de aniversário, para que tivéssemos um ano inteiro juntas pela frente, nunca se realize. Mas se eu não pude ser amor, que eu seja saudade



Ode à colmeia!

Texto: kelly martins

imagens: bando de imagens free

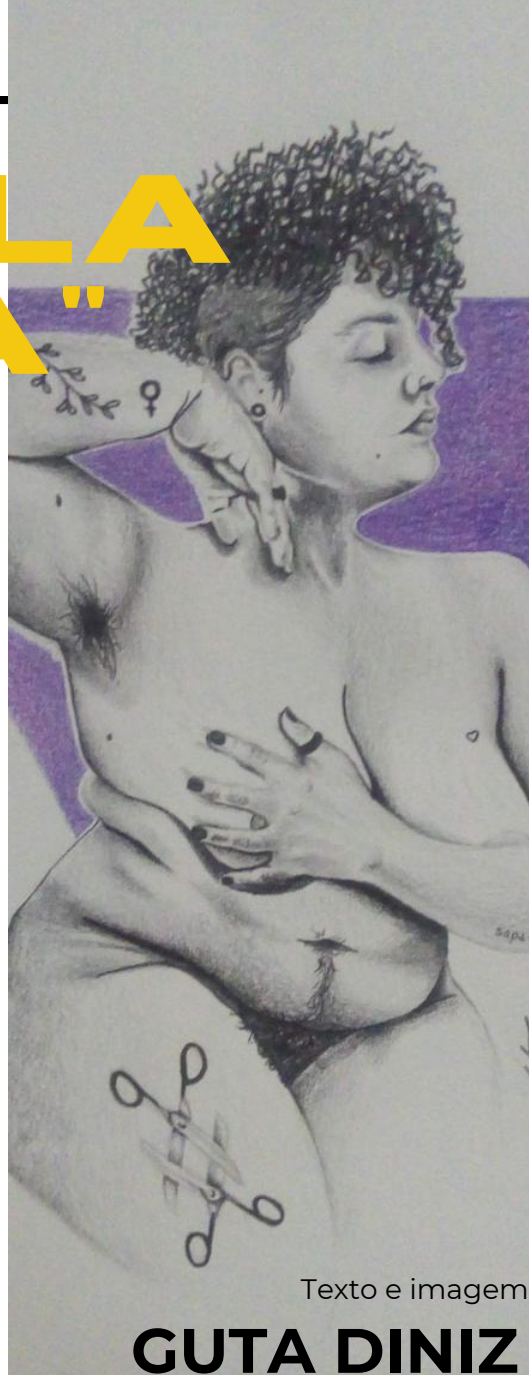
o sol deitou atrás das montanhas
desnudando a palidez da lua
sobre a cama
abelhas-rainhas dominavam os corpos-favos
sugando o mel que habita dentro
entre as pernas onde escorre todo o sabor
dentes
nudez
boca
prazer dissolvido
em língua quente
paladar aberto
encarcerado pelo desejo do gozo
palavra doce
sussurrada ao pé do ouvido
lábios sorvendo
os fios de cabelos que brotam na nuca
pele suada
silvestre
vermelhidão
sem bater as asas
repousam o vigor
às três da manhã,
abelhas ofegantes sussurram:
consumação do ato



"AQUELA AMIGA"

"A primeira vez que me apaixonei por uma mulher eu tinha oito anos. Seu nome era Virgínia e ela era amiga dos meus pais. Sei que parece estranho, mas pode ficar tranquila que, ao contrário dos homens, Virgínia sempre me tratou como a criança de oito anos que eu era, nada além disso.

Eu, obviamente, não sabia que estava apaixonada. Quem nessa idade sabe de uma coisa dessas? A única coisa que eu tinha certeza era de que queria ficar perto de Virgínia o tempo todo. Meus pais gostavam muito de sair com os amigos para beberem cerveja, mas Virgínia gostava de tomar vinho - tinto e seco. As amigas de minha mãe fumavam, falavam e riam muito alto, algumas até mastigavam de boca aberta, mas Virgínia, não. Virgínia gostava de ler. Ela sempre carregava um livro pelos lugares que os amigos se encontravam, Virgínia não fumava, mastigava pausadamente, não comia carne, era inteligentíssima, tinha uma voz suave e uma dicção impecável. Era maravilhoso ouvi-la falar. Ela sempre parecia destoar do ambiente e dos amigos de meus pais. Eu sempre me



Texto e imagem

GUTA DINIZ

perguntava o porquê dela estar ali. Me lembro de sentir muita raiva de seu marido, sem saber o porquê (alguém tinha alguma dúvida?). Ele era lerdo, folgado, fazia brincadeiras sem graça e ainda por cima era feio. Eu, no auge de minha maturidade de oito anos, achava que entendia uma certa melancolia que Virgínia emanava.

Será que ela também se sentia deslocada como eu? (Pequeno parênteses aqui: estamos falando do início dos anos 2000 eu mal sabia o que era uma lésbica)

Mas não fazia sentido. Todas as amigas de minha mãe eram evasivas, muitas nem eram na maldade, algumas sonsas, mas essa era diferente. Mesmo depois de tanto tempo eu consigo me lembrar do perfume que ela usava. Não saberia dizer o nome, no entanto, se fosse necessário um teste para reconhecer eu o faria na hora; e acertaria.

Certa vez, todos os amigos se juntaram, com seus respectivos filhos, e viajaram para um sítio na Semana Santa. Virgínia não tinha filhos. Todos levaram muitas cervejas, Virgínia levou vinhos e livros. Eu já sabia ler, mas não fazia a menor ideia do que ela estava lendo. Eu gostava de parar e ficar olhando e admirando-a ler.

Sempre fui muito boa em natação e nesse sítio tinha uma piscina enorme. Virgínia adorava levar seu livro para a cadeira na beirada da piscina, deitar e ficar horas lendo e tomando sol. O jeito que eu tinha de chamar sua atenção era sendo boa em alguma coisa, bem, na verdade, eu queria mesmo é que ela me notasse. Começava a fazer piruetas e acrobacias para todos os lados, pedia para me dar notas como se estivesse em uma competição. E eu estava, eu e o livro. É estranho pensar que tudo isso se passava na cabeça de uma criança de oito anos. Às vezes nem eu mesma consigo processar.

Um dia, brincando de pique esconde no sítio, com outras crianças, decidi me esconder em cima de uma árvore atrás da casa. Subi no pé de manga e fiquei escondida bem lá em cima. Todo mundo estava do lado de fora da casa, pois naquele dia fizemos um baita churrasco no sábado de aleluia e a área da churrasqueira estava abarrotada de gente.

As crianças correndo e gritando pelo terreno e eu no alto da árvore observando lá de cima num certo silêncio meditativo. Uma luz ao fundo se acendeu. Até aquele momento eu não havia visto aquele lado da casa e desci da árvore para ver de onde vinha aquela luz. Era do banheiro.

Virgínia estava indo tomar banho. Eu na hora congelei. Minhas pernas não se mexeram. Eu não sei se eu realmente queria sair dali, mas eu também não era alta o suficiente para ver mais do que seu ombro nu, seu pescoço e sua cabeça e a água do chuveiro caindo sobre seu rosto. Acontece que aquela imagem nunca saiu da minha cabeça e naquele momento eu senti uma coisa estranha, não sabia o que era, mas não era ruim, mas era algo totalmente desconhecido. Intuitivamente eu sabia que aquilo que eu havia feito era algo de errado, então decidi nunca comentar com ninguém sobre isso. Mesmo sendo uma criança, espionar alguém tomando banho não me parecia uma atividade pela qual você seria parabenizada. A não ser que você seja homem. Aí a história é outra. Só sei que nesse dia eu dormi muito feliz.

Depois de Virgínia eu continuei me apaixonando por outras mulheres, sempre mais velhas nem sempre amigas da minha mãe.

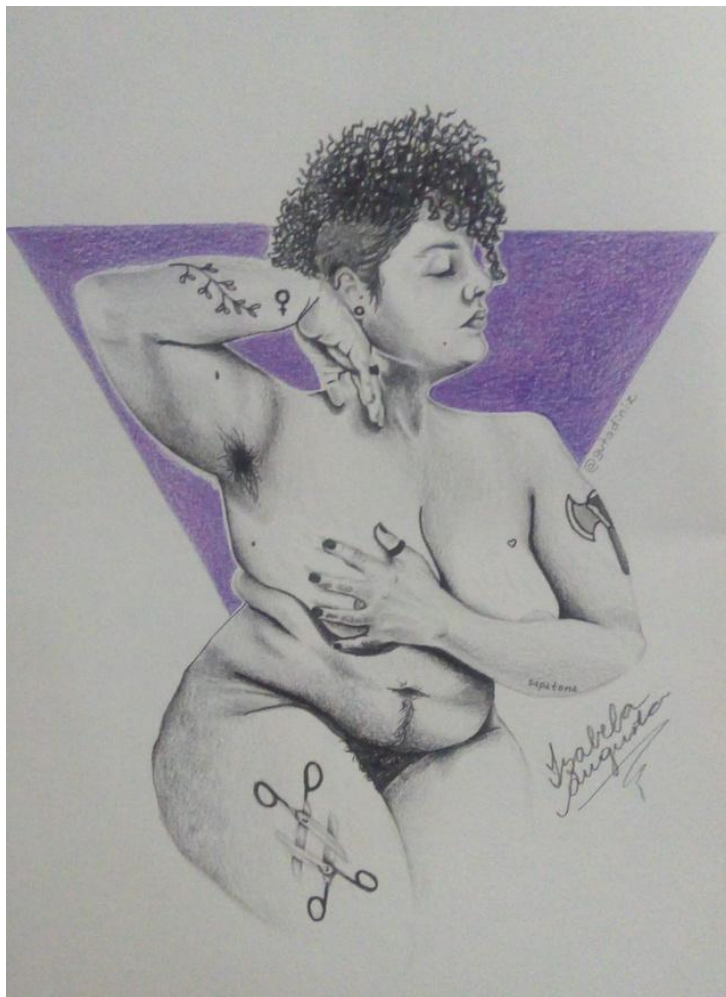
Confesso que às vezes penso "por onde andaré Virgínia"? Vinte anos depois será que ela se lembraria de mim? Será que eu me lembraria dela se a visse na rua?

Eu sempre me interessei por mulheres mais velhas e isso sempre me atrapalhou na minha auto percepção. Eu não achava que era lésbica. Pensava até que fosse assexual, afinal de contas eu não sentia atração por meninos, isso era um fato. Nem pelas meninas da minha escola... Então, o que eu era?

Agora tente me perguntar o nome da minha professora de português da sexta série ou do Ensino Médio, eu sei o nome de todas.

Demorou muito para que eu me visse como uma lésbica, demorou mais ainda para que eu me aceitasse. E só agora comecei a colher os frutos que plantei no dia que resolvi fazer terapia e ao invés de me culpar passei a me perdoar por tudo aquilo que não era minha culpa e finalmente poder ter paz interior e acreditar que o melhor está por vir.

De uma amiga."



RESPEITÁVEL PÚBLICO

Texto:Pomba

imagem: banco de imagens free



O espetáculo está prestes a começar...
A cada toque
A cada dedilhar
A cada frase dita
Tudo feito com maestria ..
Os suor, os arfar...
É que nosso espetáculo é em quatro paredes...
No quarto, na sala, no banheiro..
só não vamos quebrar as taças , mas eu te amo de graça.



Carta desobediente da minha corpa lésbica -

leitura para II Curso de Formação Lésbica/ABL

Quinta feira, 03 e 07 de março de 2022. São Luís/MA e junho de 2022
em Florianópolis/SC.

Necylia Monteiro



@barbaramarcolino

O que é meu corpo? módulo de mim que me carrega nas dimensões físicas do mundo. Quando nasci, minha mãe, minha primeira casa, contou todos os meus dedos, membros e verificou se esse corpo faltava algo...o corpo funcionava comumente, pra uma mãe-casa aquilo bastava, corpos incomuns existem e o mundo quer os esmagar em crueldade.

Mas apesar do funcionamento comum, eu não era qualquer corpo. Eu sou UMA CORPA, falsa magra, joelhos juntos, pés compridos demais, rosto redondo demais, quadril grande demais, pele clara, mas não clara como deveria... uma vez fui ao médico por achar que meu braço estava áspero demais e ele me disse que era coisa da mistura racial, de gente mestiça.

MESTIÇA, um corpo embranquecido. O que é essa corpa? uma barriga magra que tem dobra no meio, a marca da fome que herdei do meu avô, um traço que não apaga, marca o corpo maranhense nutrido de farinha d'água... minha corpa tem pelos livres de uma corpa adulta, em público meus pelos enojam, sou fedorenta, suja, sebosa, desleixada, minha corpa precisa ser agradável... precisa ser rígida, meus músculos precisam saltar à minha pele... não posso ser flácida enquanto jovem e nem mesmo

quando envelhecer, eu tenho que praticar depilações nas pernas, virilha, genitália, axilas, moldar sobrancelhas... minha corpa precisa se despir da figura de um animal qualquer, preciso parecer fêmea humana.. as fêmeas humanas devem ter corpo submisso, curvas sedutoras, pinturas no rosto, vestimentas que me cobrem o suficiente para despertar interesse.

Mas a minha corpa nasceu DESOBEDIENTE.

Para viver aventuras esses cabelos que saem da cabeça deveriam ser livres de penteados e arrumações, os encantos da infância me libertaram, assanhada meus cabelos animalizados me dão movimentos e senso de espaço. Minha corpa é insistente na desobediência.

Eu passei a vida em guerra com minha expressão de gênero pois expressar, performar o feminino é prova de que os CISTemas podem nos torturar de várias formas. Estar de batom, saia e cabelo alinhado me possibilitava receber elogios, ser vista, ser desejada por homens e mulheres cis. Quanto mais me aproximava dessa performance menos me reconhecia, ainda hoje carrego esses fantasmas do preterimento do meu corpo. Os embates de ser/vestir/performar o que MEU

corpo é naturalmente, estão sempre ali travando disputas com o mundo.

Tanto já vivi com essa corpa... tanto já odiei ter essa corpa, tanto já ouvi sobre os defeitos do meu corpo... hoje eu me olho no espelho e enxergo cada ferida que a imposição da feminilidade padrão deixou em mim. Eu seria amada? Eu seria desejada se ouvisse meu corpo desde o início? Eu tenho uma corpa lésbica inquieta, indócil e dissidente que reivindica seu lugar de corpa-mulher despida dos enganos patriarcais. Eu tenho direito sobre o meu corpo e sua expressão? Eu manifesto sobre habitar uma corporeidade lesbiana.

Minha corpa desobedece a tudo! Minha corpa desobedece principalmente quando seus desejos se concentram exclusivamente nas corpos das mulheridades...

chupar buceta - ato ou efeito de saborear alguém

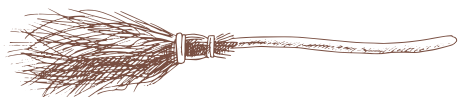
tesourinha:ação de reciprocidade de gozo.

dedada - partícula minha que descobre e desbrava

tribadismo - movimentos dançantes que revelam segredos

Eu não sou uma mulher ou eu não sou essa mulher que dizem que nasci pra ser Dos CISTemas que nos amarram sobrevivem entre frestas e agonizantes as corpos sapatonas, as travestis, as boycetas, as bocetas transmasculines, as travas, as monas, as sapatão NB...

QUEIMEM AS BRUXAS! QUEIMEM TODAS BRUXAS!



Traço o encanto das vulvas, a benção dos ovários, o despertar da mulheridade de pau, da serpente que traz o pecado, companhia moldada exclusivamente para Adão feita da subtração de sua costela...o mito subversivo de que somos uma pequena parte de um macho, uma costela, não vivemos senão para pecaminar. Desobedecemos de tudo.

Desobedeço

Desobedecemos

Desobediência é a matéria e ação do meu ato de viver. Gesto em mim a desobediência de não ser CIS transmutado, pois não cumpro os pactos do CISTema

E transmutado pois não me deito com os machos, não os desejo, não os venero, não os ouço, não os priorizo. A desobediência é um posto riscado, uma brochura costurada nos panos de crochê da minha avó que pariu dez filhos. Me encharco de desejo pelas corpos-mulheridade A palavra LÉSBICA faz minha língua saltar pra fora... a palavra não é suave nem fácil de sair pronunciada... ela chicoteia a língua entre os dentes e faz abrir a boca no final..

LÉS-BI-CA

emprega esforço e coragem de ser dita.

Não nos querem em seus consultórios ginecológicos

Não nos querem em suas paradas gay

Não nos querem em banheiros femininos

Não nos querem trabalhando em seus hospitais e escolas.

Não nos querem em suas casas celebrando nos almoços de família.

Não nos querem na política ou nos espaços de poder

Não sabemos quantas de nós hoje está doente por falta de acompanhamento médico ginecológico.

Não sabemos quantas de nós estamos no bolo da violência doméstica, nos dados de estupro, nos dados de feminicídio, nos dados de depressão, nos dados de assassinatos. Não sabemos quantas de nós estamos presas em casamentos com machos, quantas de nós tem acesso à liberdade de que seu corpo se manifeste.

Estupro, Abandono, Suicídio, Preterimento, Solidão, Doença.

**ELES QUEREM NOS MATAR
concluo que ELES QUEREM NOS
MATAR AOS POUCOS
Percebo que ELES QUEREM NOS
MATAR POUCO A POUCO**

Nos empurram goela abaixo como um bloco de gelo frio... a ditadura heterossexual.

Os soldados estão por toda parte

"Mulheres Lésbicas têm mais comportamentos autodestrutivos se comparadas as heteros".

As sapatão caminhoneiras, estão morrendo, as lésbicas estão se matando. As sapatão estão sendo estupradas em casamentos arranjados com machos, as sapatão estão protegendo seus filhos da suprema corte.

NOSSAS CORPAS RESISTEM

-Olha lá o casal de mães lésbicas amamentando seus filhos, uma pariu mas as duas amamentam, não conseguiram ter prioridade na vacinação de lactentes contra a Covid-19.

-Olha lá o casal de sapatão com os filhos, o ex marido daquela quer pegar as crianças pra criar, imagina deixá-las numa casa pecaminosa dessas.

-Olha lá que casal estranho, essa sapatão com essa travesti (cospe no chão) o mundo realmente está perdido.

-Olha lá aquela sapatão doente ali, se drogou tanto, nunca se cuidou, parece que vai morrer.

NOSSAS CORPAS DESEJAM VIVER
sou uma corpa sapatão, não ESSA mulher. Me reivindico e me libero da CISnorma.

Eu NÃO quero só viver.

Eu quero existir.

E eu não quero existir sozinha.

Quero que nós [RE]Existamos.

Uma corpa gorda quer existir, uma corpa negra quer existir, uma corpa trans quer existir, uma corpa sapatão quer existir, uma corpa com deficiência quer existir.

Não iremos vestir o manto da invisibilidade de nossas corpos.

Não queremos assombrar nossas crianças de corpos desobedientes aos fantasmas da Opressão dos corpos dissidentes. Não queremos que nossas existências da mulheridade sejam apagadas, homogeneizadas. Tragam a cabeça do general do HeteroCIStema, ENFORQUEM-NO. TRAGAM A CABEÇA DO CISTemaHTpatriarcal Hackeiem, reiniciem é preciso que se delete esse CISTema.

Estamos nos reunindo.

Estamos nós reunidas.

A sociedade não nos olham, não nos ouvem, mas estamos reunidas.

Essa corpa que vos fala vem anunciar que nós, as desobedientes, devemos estar sempre reunidas.

***São as NOSSAS
corpas,
será sempre NOSSA
casa no mundo.***

Sobre a desenhista



Bárbara M. Marcolino, 27 anos, natural de Mogi das Cruzes/SP, radicada há 6 anos em São Paulo/SP, formada em Filosofia e graduanda em Ciências Humanas, Ilustradora cujo trabalho é focado no minimalismo afetivo, permeando temáticas feministas, existencialistas e lúdicas, com fortes influências sociais, decorrentes de sua formação e de sua vivência como mulher lésbica, negra, diagnosticada com um transtorno psiquiátrico e mãe-solo de uma criança de 8 anos.

Um dia, há, de não ser eu

**Cada minuto
Dissolvido em minha mente
Em dias de silêncio – Gritos incoerentes!
Nada mais é, do que, um vício
Implodido – Esplêndido!
Uma cura do infiel sentimento
Resgate, do que fui antigamente
Ontem!
Bem quando achei
Que encantaria sua mente.**

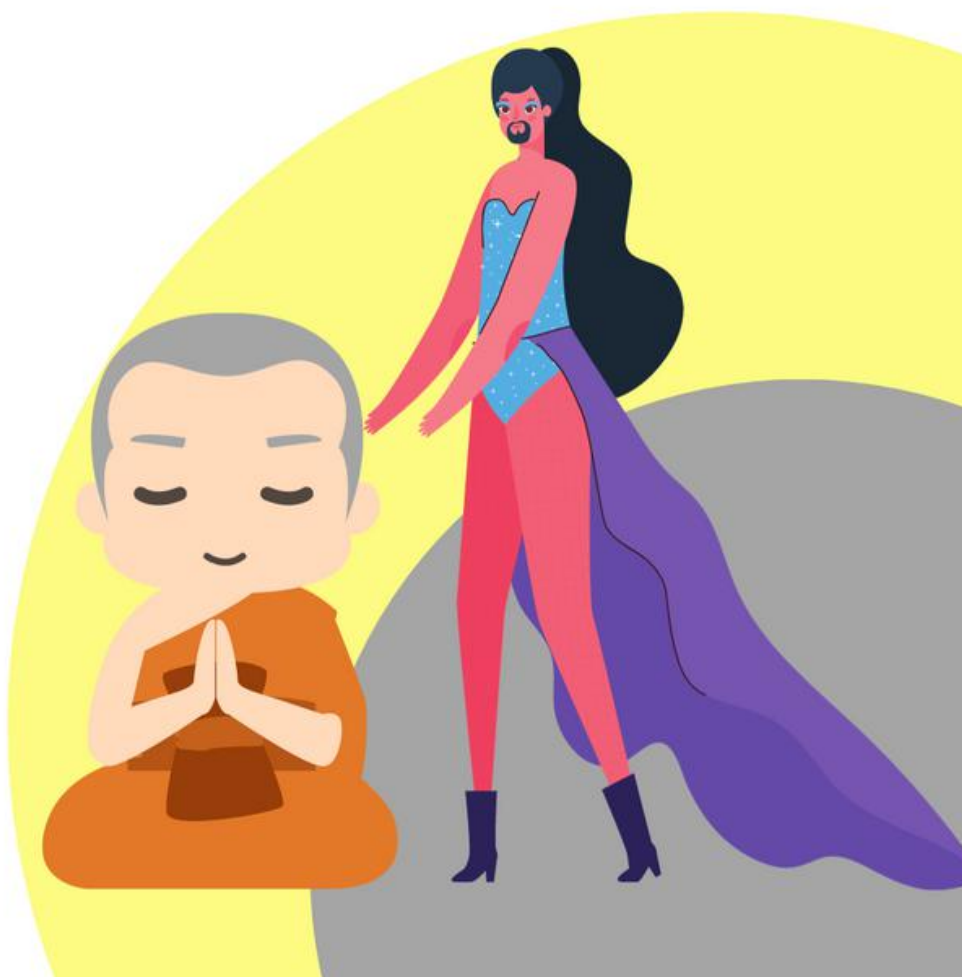
Aryn Felixs



A MONJA E A TRAVESTI

UM CONTO SOBRE O DESPERTAR DA
SEXUALIDADE DE UMA MULHER LÉSBICA 50+

Natalia Christophe



52. A idade da nossa heroína. Não pensava muito sobre isso. Não sofria discriminação por sua idade no monastério budista onde morava. Sim, nossa heroína é uma monja celibatária. Antes do celibato havia se apaixonado perdidamente pela morena dark que se sentava à sua frente na escola. Descobrira uma atração libertadora pelas mulheres na adolescência. Mas apesar da paixão ter sido correspondida, nunca conseguira entregar seu coração. Nem à morena, nem a ninguém. Se atraía, se encantava pela ideia de homossexualidade, mas não se interessava o suficiente para agir, não queria se relacionar. Vivia bem consigo mesma e não precisava de sexo.

O tempo passou e nossa heroína seguia satisfeita por não se interessar pelos homens e temendo as mulheres por quem se atraía. Pouco a pouco a vó parou de perguntar “e os brotos?!”. A família se acostumou com a solteirice e até os amigos pararam de perguntar “como é isso, de não fazer sexo?!”. Todos pareciam aceitar como ela era.

Nossa heroína começou a flertar com a ideia de assexualidade. Uma ideia descreditada pela sociedade, porém bem vista no caminho espiritual recém descoberto. Se sentiu acolhida em suas esquisitices pelo budismo e entregou seu coração ao caminho monástico com a certeza de que em alguma outra vida já havia superado a necessidade de uma vida afetivo-sexual.

Entregou sua vida ao mestre abade do mosteiro e o servia sem reservas.

Viveu no conforto e na paz da assexualidade por 20 anos... Um dia, rumores surgiram a respeito do seu querido mestre. Alegações de assédio sexual por parte do abade chacoalharam a vida no mosteiro e da nossa heroína.

Assistindo a visão de mundo que criou para si desabar, a monja decidiu deixar o monastério e voltar à sua cidade natal.

Alugou um carro para o retorno e dirigiu por horas se sentindo desiludida e sem vontade de viver.

Em uma descida dramática perdera o controle do volante e o carro derrapou dando várias voltas na pista.

Por um momento, soltou o volante e aceitou seu destino.

O carro se chocou de lado no canteiro central sem causar qualquer dano a nossa heroína.

Neste momento, teve a convicção de algo há tempos adormecido em seu coração:

— Quero viver!!! — Disse a monja para si mesma ainda atordoada e sem entender como saíra ilesa da situação.

De volta à cidade, deixou para trás a dor da separação de seu mestre e de sua antiga vida. Tinha ainda mais certeza de que queria construir um viver independente, sem mestres ou figuras paternas a guiando. Mas também tinha certeza que depois do que vira

no monastério, relacionamentos e sexo são a origem de problemas que preferia manter longe de si.

Estava se fechando ainda mais e não daria qualquer oportunidade à

Vênus, Deusa do Amor.

Vitória, sua melhor amiga, leonina e bissexual convicta, decidiu casar consigo mesma e dar uma grande festa numa chácara durante o fim de semana.

— Vamos monja, vai ser bom para você, voltar a socializar, conhecer pessoas novas...

Conto com você! — Incentivou Vitória.

Relutante, lá foi nossa heroína.

Chegou na chácara à noite. A entrada deserta do casarão parecia um cenário de filme de terror! Continuou caminhando procurando alguém e se deparou com Natasha, uma jovem mulher trans colega de trabalho de Vitória.

Natasha era ruiva, de cabelos anelados que gostava de jogar para o lado. Possuía unhas perfeitas e uma voz celestial. Conduziu nossa heroína à parte da casa onde Vitória e os outros convidados estavam.

No dia seguinte, onde quer que ela estivesse, lá estava também nossa heroína, claramente

atraída pela presença magnética da jovem, embora ela mesma ainda não se desse conta deste fato. As festividades seguiam e, na segunda noite, quando todos foram dormir, Natasha e a monja não conseguiam se dirigir aos seus aposentos. Como pretexto para prolongar a noite, a monja se ofereceu para fazer um chá – especialidade que adquirira no monastério.

As xícaras se esvaziaram juntamente com a conversa fiada em que se engajavam.

Natasha se sentou na porta para fumar um último cigarro antes de dormir. A monja ia se despedindo, queria ir para seu quarto, mas estranhamente suas pernas a levavam para outra direção. Não sabe como chegou ali, mas estava sentada ao lado de Natasha que deitava a cabeça sobre seu ombro.

Sentia o corpo como feito de pedra. Confusa, queria se levantar, ou abraçar a mulher mais jovem, mas não conseguiu nem mesmo se mover.

Começou, então, a fazer o que sabia, respirar profundo tentando se acalmar. Natasha, sentindo o ritmo da sua respiração, se aproximou ainda mais e virou seu rosto na direção da monja que, finalmente, cedeu.

— O que é isso? — Pensou a monja — o que estou fazendo?

Não consigo...

No entanto, ao tocar seus lábios nos de Natasha deixou ir qualquer razão ou medo.

A monja percebeu a mão delicada de Natasha acariciando levemente suas costas por debaixo da blusa e foi preenchida com uma onda de ternura.

Natasha tomou-a pela mão e suavemente conduziu-a para um dos quartos.

Nossa heroína não acreditava ser possível. Como estaria perdendo a virgindade aos 52 anos de idade, com uma mulher 20 anos mais nova, logo na festa de Vitória...?! O que estava acontecendo com ela?

Novamente o fluxo de pensamentos foi interrompido pela intrigante mulher à sua frente que a tocava com respeito, ternura e alguma safadeza.

Fora rompendo suas barreiras aos poucos. Como se conquistasse cada parte de seu corpo uma a uma.

Bebia o calor do corpo de Natasha. Reagia a cada toque sem medo e brincava com os cabelos da jovem.

— A Deusa Travesti bateu na sua porta, não é?

Corada, a monja não pôde negar e puxou a coxa de Natasha para entre as suas...

A cada beijo a afinidade sexual aumentava, o que fascinava nossa heroína.



Já não conseguia distinguir entre seu corpo e o de sua amante.

Uma barreira imensa foi transposta dentro de si e, ah, como era libertador! Um novo mundo se abria.

Natasha se foi. Mas nossa heroína nunca mais seria a mesma.

Agora sentia o peso de sua idade. Mas e se fosse tarde demais? Começar uma vida afetivo-sexual agora, no climatério? Sair do armário depois de 5 décadas de vida? E

quem estaria disposta a ficar com uma velha sexualmente inexperiente?

Bem, Natasha esteve.



Fora rompendo suas barreiras aos poucos. Como se conquistasse cada parte de seu corpo uma a uma.

Bebia o calor do corpo de Natasha. Reagia a cada toque sem medo e brincava com os cabelos da jovem

Um oceano de incertezas invadia a mente da nossa heroína.

Mas uma certeza se sobressaía: queria viver!

Liberdade era agora seu mantra e não buscaria mais um Mestre digno de se colocar no altar. Se abriria às mulheres de carne e osso que estivessem dispostas a ensiná-la sobre a profunda complexidade da conexão humana. Voltaria a ser uma menina adolescente.

Afinal, para o Amor não existe idade.

E você?

Estaria disposta a ensinar a nossa heroína sobre as astúcias do afeto?

RANCHO DAS CALCINHAS

Ana Ladeira

Imagens: Banco de imagens free

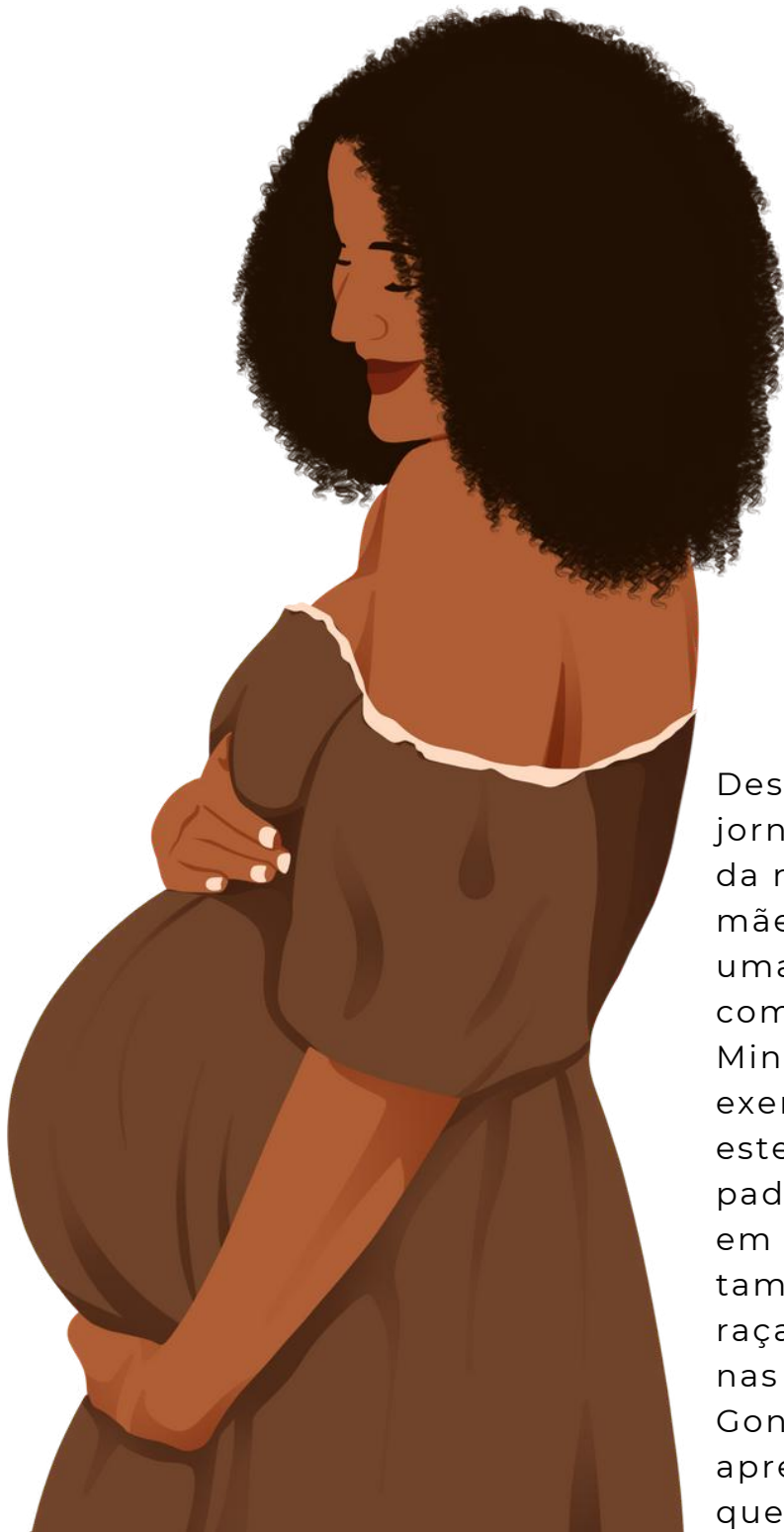
A primeira vez que entrei naquela casa
tiramos as sandálias, as máscaras, mas
peguei foi no sono em poucos minutos
ora, eu não podia pegar mais nada
ela, quadros, plantas, ela, livros, diários.
Daria um rim, um reino, pra mexer em tudo
desmaiei no sofá; era mais seguro.
A segunda vez que entrei naquela casa
eu era mais Pizarnik que pessoa,
havia um cheiro de dama da noite
e ela vinha pela escada caracol
de mármore, *fula* da vida, atrás de mim
uma porta rubra se abria; pra onde?
meus olhos se abriam, eu sumia dali.
A 3a vez que entrei naquela casa
era uma festa e eu, besta, levei
três litros de sorvete e umas horas
pra me dar conta do *trelelê* entre as duas
o que eu fazia lá que fizesse sentido?
ela e suas cartas no joguinho colorido
ir além da superfície, ô, trem difícil
A 4a vez que entrei naquela casa
foi a última; até agora, foi a última
fim de um dia, início de madrugada
ela me serviu vinho tinto na taça
que eu gostava, em forma de gota de chuva
o sofá, de repente, um céu bem assombrado
chovemos um bocado de dar
inveja às nuvens.



LÉSBICA, PRETA E... MÃE! -

O que sei sobre ser uma mãe preta e lésbica no Brasil

Gabriela Souza



Ser mãe é uma jornada repleta de percalços. Mas quando você é uma mulher lésbica e negra, essa jornada vai ganhar contornos ainda mais complexos e singulares. Vivendo no Brasil, um país com uma história marcada pelo racismo e discriminação, eu sabia que enfrentaria desafios únicos ao criar minha filha.

Desde cedo, percebi que minha jornada como mãe seria diferente da maioria das mulheres. Ser uma mãe negra e lésbica no Brasil é uma realidade que poucas pessoas compreendem completamente. Minha maternidade se tornou um exercício constante de rejeição de estereótipos e desafio aos padrões opressivos, não somente em relação à maternidade, mas também em questões de gênero, raça e sexualidade. Ao mergulhar nas palavras de Audre Lorde e Lélia Gonzalez, encontrei acolhimento, aprendizado, eco para meus questionamentos e inspiração para

reforçar minha identidade e valorizar a minha herança cultural afro-brasileira.

Audre Lorde, com sua escrita intensa e perspicaz, trouxe à luz a realidade de ser uma mulher negra lésbica que também é mãe. Em sua obra, ela não apenas abordou a potência dessas experiências interseccionais, mas também apontou as dificuldades enfrentadas por mulheres como eu. A maternidade lésbica negra muitas vezes é invisibilizada e desvalorizada pela sociedade, mas Lorde nos lembra que o silenciamento de nossas identidades marginalizadas só nos enfraquece. Lorde enfatizou a importância de criar comunidades de apoio entre mulheres negras lésbicas, onde pudéssemos compartilhar nossas experiências e encontrar força umas nas outras. Ela também ressaltou a necessidade de criar espaços seguros e acolhedores para que estas mães e suas famílias pudessem prosperar.

Lélia Gonzalez nos convida a valorizar nossa ancestralidade e reconhecer na figura da "Mãe Preta" a centralidade da formação da identidade

brasileira, que transcendendo a ideia tradicional de maternidade biológica, assume a função de educadora não formal. A "Mãe Preta" tem um papel fundamental na transmissão da história e da cultura afro-brasileira, atuando como guardiã da herança cultural do povo negro neste território.

Ao cruzar as perspectivas de Audre Lorde e Lélia Gonzalez, é possível perceber que a maternagem lésbica negra não se limita apenas à questão da criação e nutrição dos filhos. Ela também desafia os padrões sociais e rompe com estereótipos prejudiciais. Essas mulheres enfrentam não apenas os desafios comuns da maternidade, mas também a discriminação racial e lesbofóbica. No entanto, a união dessas perspectivas nos lembra que nossa existência é um ato de resistência poderoso e que é preciso investir energia em criar espaços seguros e acolhedores para nós, nossos filhos e nossas famílias.



Ser uma mãe negra e lésbica no Brasil é uma jornada revolucionária e subversiva, mas também uma possibilidade de celebração de nossa existência plena. Ao honrar minha identidade, posso ser um modelo para minha filha, mostrando a ela que sua existência é válida e que sua voz deve ser ouvida. E é assim que nossa maternidade se torna um ato de amor expandido, que abraça não apenas nossa família, mas nossa comunidade como um todo. E é assim que ensino a minha filha não apenas sobre suas raízes culturais, mas também sobre a importância da igualdade, do respeito à diversidade e da luta contra o preconceito. Meu propósito é criar este espaço seguro e amoroso citado por Audre Lorde, para que minha filha se desenvolva plenamente.

Se aproxime, ouça e aprenda com mães lésbicas negras. A valorização e o reconhecimento dessas experiências são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e plural, onde todas as vozes sejam ouvidas e todas as formas de maternidade sejam celebradas e respeitadas.

Desejo que o legado das que vieram antes continue a nos inspirar a abraçarmos nossa maternidade com orgulho e a nos tornarmos as educadoras de uma nova geração de pessoas pensadoras, sonhadoras e agentes de mudança.

Nossa maternidade é uma jornada que reflete a nós mesmas e o mundo, e é conhecendo autoras como Lélia Gonzalez, Audre Lorde e tantas outras que fortaleço em mim a convicção de que ser uma mãe preta e sapatão é um ato de amor político, resistência e poder; que é uma bênção e um privilégio ser quem sou; que minha existência importa e que minha filha é a materialização de minha resistência.

Nossos passos vêm de longe e juntas seguiremos rumo a um futuro de equidade e respeito.



Lélia Gonzales



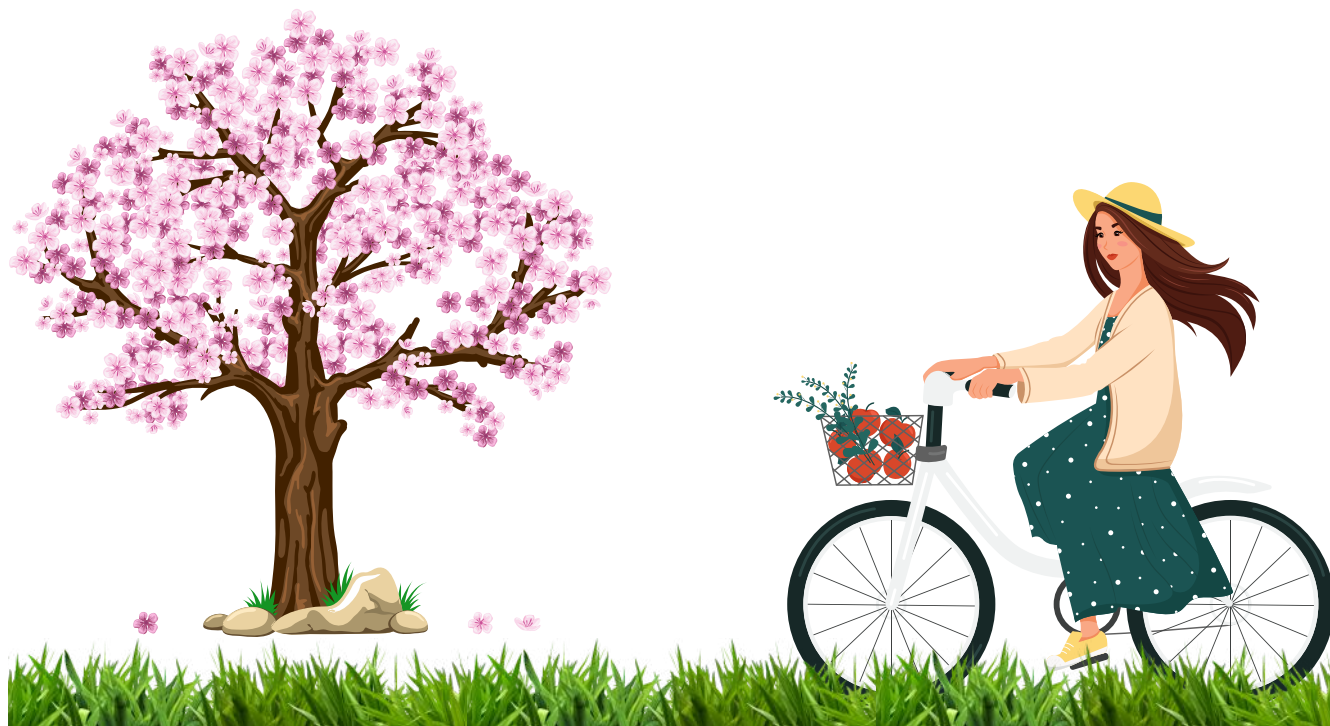
AUDRE
LORDE

Apaixonante

Texto: Marla S. Duarte, 34

Pelotas - RS

"Hoje me encontrei. O lugar era suficiente para estarmos sós. Marquei com ela os planos e preparei apenas o necessário para a diversão. Usei de um banho detalhado e energético, então fui ao encontro dela. Pedalei enquanto conversávamos intimamente, entre sorrisos e momentos de carinho, apreciei o ambiente e o cheiro do verde da primavera, mas era no silêncio que a compreendia. Dentro de casa, cumprimentei inocentemente os animais e as plantas. Animadamente preparei o chá, e enquanto a música embalava os pensamentos, dividi com ela a janela com vista para o pôr do sol. Deitei, puxei minha bolsa, e com um sorriso malicioso falei em voz alta: "-Vai começar a diversão. Boa noite meu amor!" Tirei da pasta minha agenda e caneta, transformei em palavras momentos que me ensinaram como é o amor, descobri em minha própria companhia uma pessoa incrível e apaixonante. Hoje me encontrei."



NOTAS SOBRE O ABANDONO: ESTAR SÓ E O AMOR ENTRE MULHERES

Thaís Leonardo dos Santos

MESTRA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO - PPGE UFSCAR -GRADUADA EM
PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA - UFSCAR

Seus caminhos tão desconhecidos e únicos começaram a acender chamas em meu peito que reluziam o quente e a luz do sol. Estar ao seu lado era como inventar um novo mundo. Um mundo em que tudo o que não era a mulher que você era, tornava-se rapidamente dispensável.

Seu rosto, seu olhar, suas palavras (em especial suas palavras), a forma como se colocava no mundo, como andava com segurança, como acreditava na beleza da transformação, como falava com paixão de seus escritos, suas leituras, sua coerência, num piscar de olhos passaram a ser tudo que meus olhos, já tão cansados, buscavam em cada momento do dia. Você não era só presença, você era presente. O desejo concreto ousou entrar num campo que até aquele momento só pertencia somente à imaginação. Minha insegurança (aliás, difícil pensar em uma mulher lésbica que não se sinta insegura nessa sociedade patriarcal e machista) ganhou contornos de medo, receio e uma certa estranheza. Eu desejava, mas será que você desejava? Aquilo não



fazia sentido, você, que tinha o mundo aos seus pés, ali, disposta. Eu, que nada tinha a oferecer, sonhando que pudesse ser possível. Foi, fomos. É fomos... assim mesmo, no passado.

A esperança. Talvez o sentimento mais caótico de todos, esperar exigindo ações, ações que não mudam o rumo das coisas, não alteram em nada o presente solitário de uma mulher que foi deixada. Essa mulher sou eu. O roteiro já estava escrito, o final era sabido e ainda assim, a esperança teimava em aparecer e dizer que o filme só acaba quando os créditos sobem lentos pela tela e a música chega ao final. Eu que gosto tanto dos filmes com finais subjetivos, inventivos, inusitados, tive para esse drama romântico um final seco, uma ruptura, um corte. O clichê da mulher trocada por um homem (ou por homens). Achei que não entraria na estatística, mas cá estou. Ou melhor, no fundo sabia que isso aconteceria. Só não achei que seria tão rápido, quando tudo caminhava para outra direção. Quando tudo parecia ganhar contornos de calma e estabilidade. O soco que fez/faz sangrar. Sangra. Sangro. Não, não o filme. Cada parte do meu corpo sangra. Em meio a apatia a dor tem se tornado refúgio. Um refúgio um tanto irônico,

por vezes só quero sentir algo, outras, só quero deixar de sentir tanta dor. Como se carregasse a dor do mundo nas costas e com ela a minha dor transborda em oceanos de lágrimas.

A espera, sem mais um pinga de esperança (mentira), começa a tornar os dias cada vez mais frios e longos. Um frio que congela qualquer possibilidade de ação. Sinto falta do seu corpo que dançava junto ao meu. Dos seus dedos finos, com as unhas impecavelmente pintadas, passeando e fazendo poesia em cada canto desconhecido da minha pele. Uma poesia quente e úmida. Seu sorriso, ah, seu sorriso... como me apaixonei por cada um daqueles dentes enfileirados que tinham o poder de parar o tempo. O seu cheiro – não o seu perfume – que eu sentia quando parava em frente ao seu portão e era capaz de sentir meu coração acelerando, escutando seus passos – nada discretos – pelas escadas, esperando o momento que você surgiria e a rua se transformaria em carnaval tamanha a folia que o cheiro da sua presença fazia no meu peito. O coração não sabia se parava ou se sambava. Meu corpo tremia com você, por diversos motivos. Eu tremia ao te ver, e sozinha tremia por você. Meu corpo ainda te procura durante a noite, antes, nossos corpos se procuravam durante a noite. Hoje sou só um corpo solitário em uma cama imensa preenchida de vazios.

O final de semana, tão esperado por quase todas as pessoas, é minha maior agonia. Era na sexta-feira à noite que meus olhos castanhos, encontravam os seus verdes, não vou entrar nessa de falar da imensidão dos seus olhos verdes, não vou me deixar levar pelas incontáveis vezes que me perdi dentro deles. Não, isso seria ficar no lugar comum. E você, meu amor, nada tem de comum. Os domingos que hoje refletem o abismo de mágoa e sofrimento, eram feitos de candura e calmaria. Um filme, um chocolate, seu abraço, um banho demorado, conversas e risadas. Ainda sinto sua companhia em todos os silêncios – meus e seus – sou preenchida por sensações que aos poucos ganham forma, contorno e palavras. O indizível se materializa como frases completas – que na maioria das vezes restringem suas aparições nas sessões de terapia. Cada lembrança sua queima em mim. Sinto o ardente da dor que quase chega a cegar. Quanto mais escrevo, mais o sentimento queima. Se transforma. Transforma espaços, transforma o que antes era indizível. Ao elaborar sobre o que antes era sensação me comovo. Cada vez que me recordo da história a que

ficou, ela muda suas cores, eu mudo, eu mudei, você mudou. Sempre uma nova experiência. Não quero mais experimentar. Hoje sinto medo de experienciar qualquer outra relação, qualquer contato, qualquer possibilidade de toque. Ainda sangra. Ainda dói. Não devia doer. Pensei que era amor, não vou colocar essas duas palavras juntas, acreditei no amor. Mas bastou uma paixão para você esquecer de todo esse amor.

**Talvez só eu
tenha visto.
Mas eu vi,
senti e vivi.**

Você foi aquele “se...”, que quase deu certo. E talvez por isso ainda me prenda tanto. Por isso ainda me dói tanto. Nunca vou entender por que sua escolha voluntária de partir. O amor que ficou no quase e arrancou de mim pedaços que eu não sabia que tinha.

Você me deixou partir. Me deixou partir, e demonstrava que eu devia agradecer só por você ter aparecido e escolhido permanecer por esse curto período. E eu senti que devia ter agradecido da última vez que saí do seu apartamento, sem saber que seria a última vez. A gente nunca sabe quando é a última vez, né? Devia ter aproveitado mais o seu cheiro, e ter olhado nos seus olhos como quem implora para ficar. Fica? Será que você ainda sente? Será que ainda dá tempo?



**Amar outra mulher
exige coragem,
exige correr o risco.**



Mesmo sem nada a esperar, ainda espero. Espero por você que por um tempo foi o lugar para onde minhas palavras escorriam e onde meu amor descansava. Talvez a solidão tenha feito morada em cada um dos meus vazios, talvez tudo mude amanhã. Mas hoje, só por hoje, ainda espero que você perceba que podemos viver o que antes parecia só um sonho distante. Amar outra mulher exige coragem, exige correr o risco. E aí, você se arrisca?

ME ASSUMI

Texto: Jessica Nunes

Fotografias: Simone Almeida

Eu já imaginava que seria difícil me assumir lésbica, também né, bora lá, eu fiquei casada há 13 anos com o pai do meu filho.

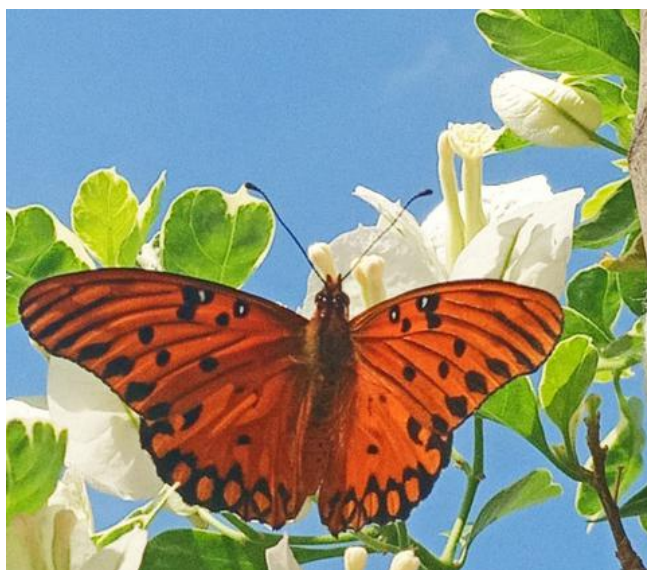
O interessante é que ele sempre soube, eu demonstrava minhas fraquezas para ele. Mas eu nunca pensei que ele se tornaria meu inimigo depois do divórcio.

Parece exagero, mas não é, o cara simplesmente começou a falar mal de mim, jogou toda culpa em mim, do nosso relacionamento ter acabado. Relacionamento é a dois, e não é só uma parte que erra.



Pulando essa parte, teve meus parentes também, que perturbaram no começo, dizendo que me escondi dentro de um relacionamento hétero, dizendo que era fogo no rabo, que uma hora iria passar.

Cara, eu sinto atração por mulheres desde que me entendo por gente, minha primeira paixão foi por menina... Você deve estar se perguntando: então porquê você casou?



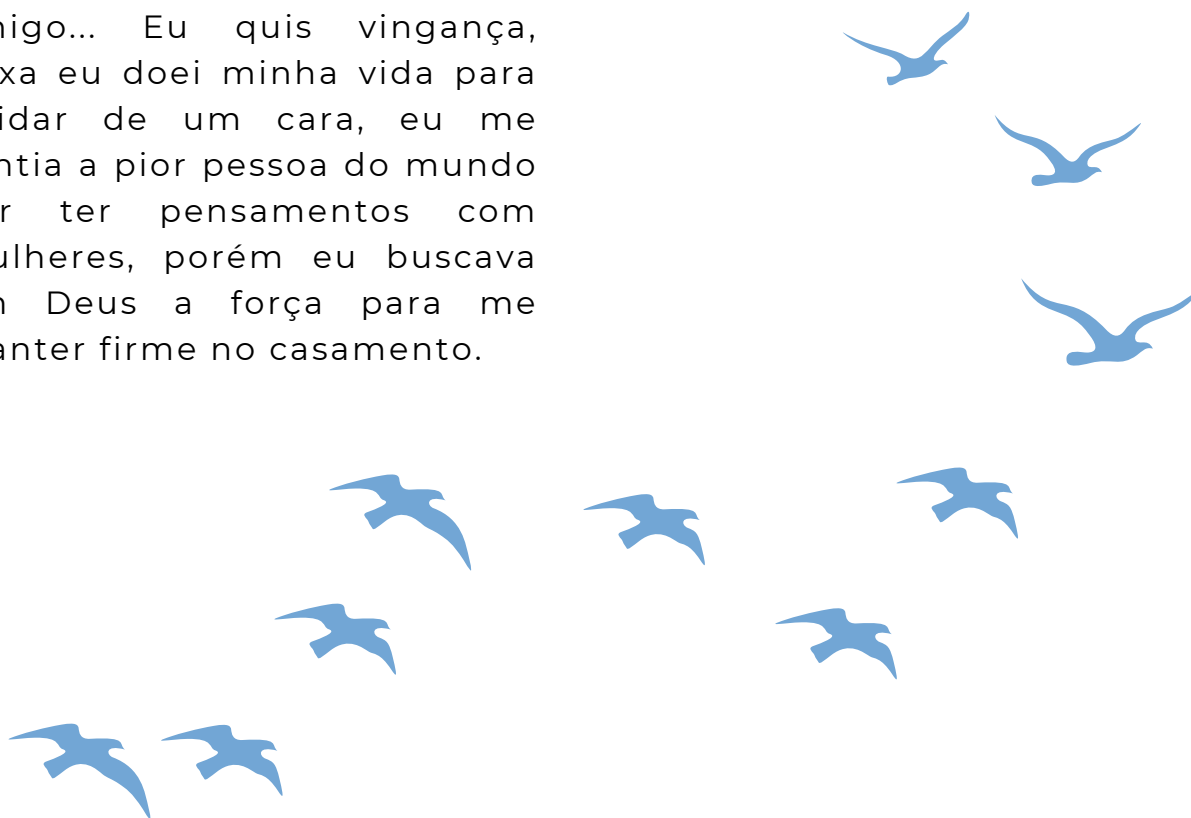
então... Eu era muito louca, minha adolescência foi um tormento, e um dia eu percebi que precisava de Deus. Eu já estava me relacionando com o pai do meu filho, porque ele era um cara incrível, e eu queria sair da vida louca que eu levava. Enfim... Entrei para uma igreja evangélica, casei, e fiquei durante 7 anos seguindo o evangelho.

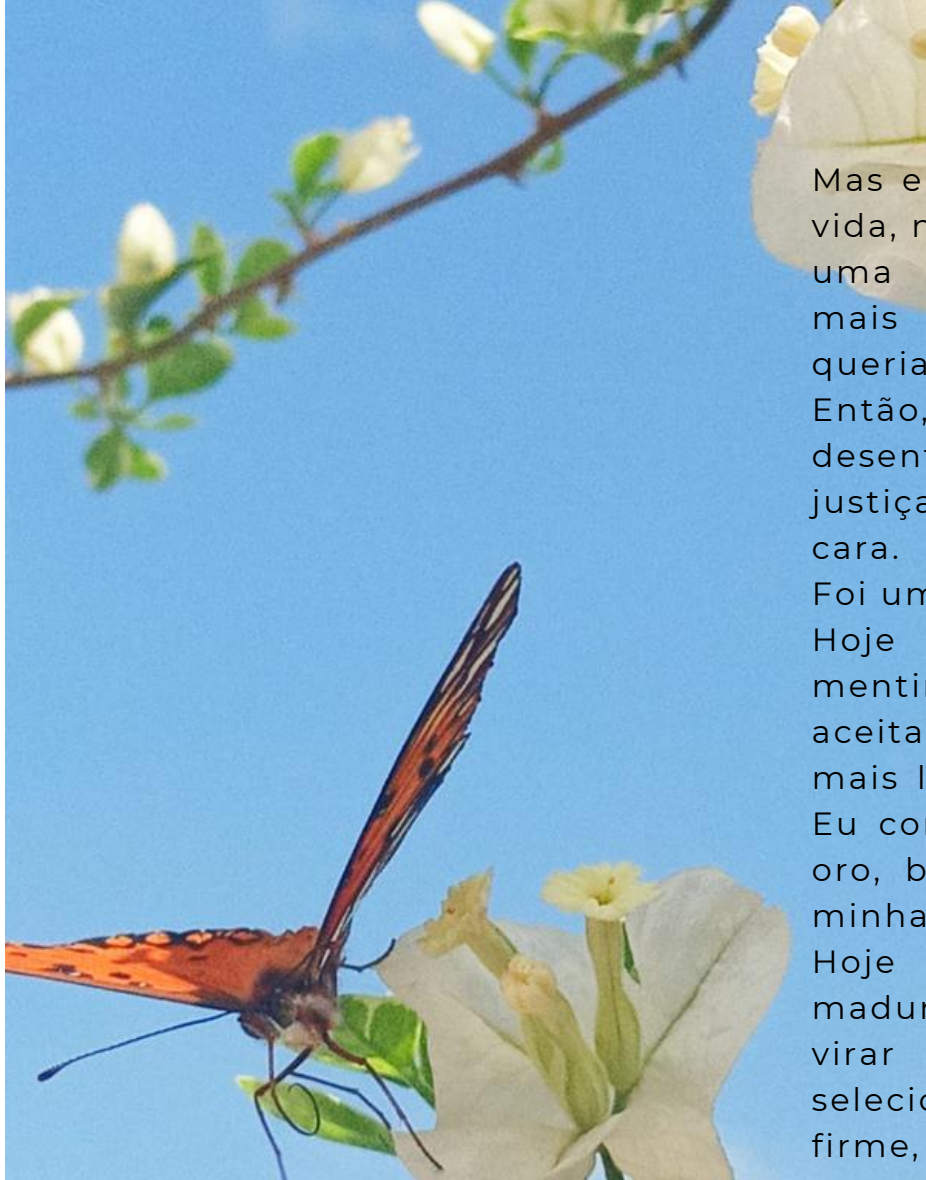
Porém um belo dia, ou melhor dizendo, um dia horrível, um dos piores dias da minha vida, eu descobri uma traição...

Eu vivia me cobrando, me torturando, por ainda ter atração por mulheres, mas quando fui traída, meu amigo... Eu quis vingança, poxa eu doei minha vida para cuidar de um cara, eu me sentia a pior pessoa do mundo por ter pensamentos com mulheres, porém eu buscava em Deus a força para me manter firme no casamento.

Foi daí que virei a página da minha vida, simplesmente me permiti, eu estava tão machucada e ferida com aquela traição, que eu tratei logo de trair também. Eu queria justiça, e você já deve imaginar como foi minha vingança, isso mesmo, eu fiquei com uma mulher. A mais linda de todas que já fiquei em toda minha vida.

Porém só foi pegação mesmo hahaha. E foi aí que desandou, sai da igreja, entrei para um time de futebol feminino, voltei a beber, frequentar baladas. E daí só ladeira a baixo.





Mas eu precisava acertar minha vida, não dava pra viver mais em uma mentira, eu não amava mais o pai do meu filho, eu queria me assumir pro mundo. Então, começaram as brigas, os desentendimentos, e eu fui pra justiça, quis logo o divórcio de cara.

Foi uma luta, mas consegui.

Hoje eu posso ser eu, sem mentiras, sem me torturar, aceitando quem sou, foi a coisa mais libertadora da minha vida. Eu continuo tendo fé em Deus, oro, busco a presença Dele na minha vida.

Hoje sou uma pessoa mais madura, tive que aprender a me virar sozinha, aprendi a selecionar as amizades, sigo firme, no propósito de conquistar minhas coisas, ser melhor a cada dia. E podendo gritar pro mundo que: EU SOU SAPATÃO CARALHOOOOOO .

Foi daí que virei a página da minha vida, simplesmente me permiti, eu estava tão machucada e ferida com aquela traição, que eu tratei logo de trair também. Eu queria justiça, e você já deve imaginar como foi minha vingança, isso mesmo, eu fiquei com uma mulher. A mais linda de todas que já fiquei em toda minha vida.

Porém só foi pegação mesmo. E foi aí que desandou, sai da igreja, entrei para um time de futebol feminino, voltei a beber, frequentar baladas. E daí só ladeira a baixo.

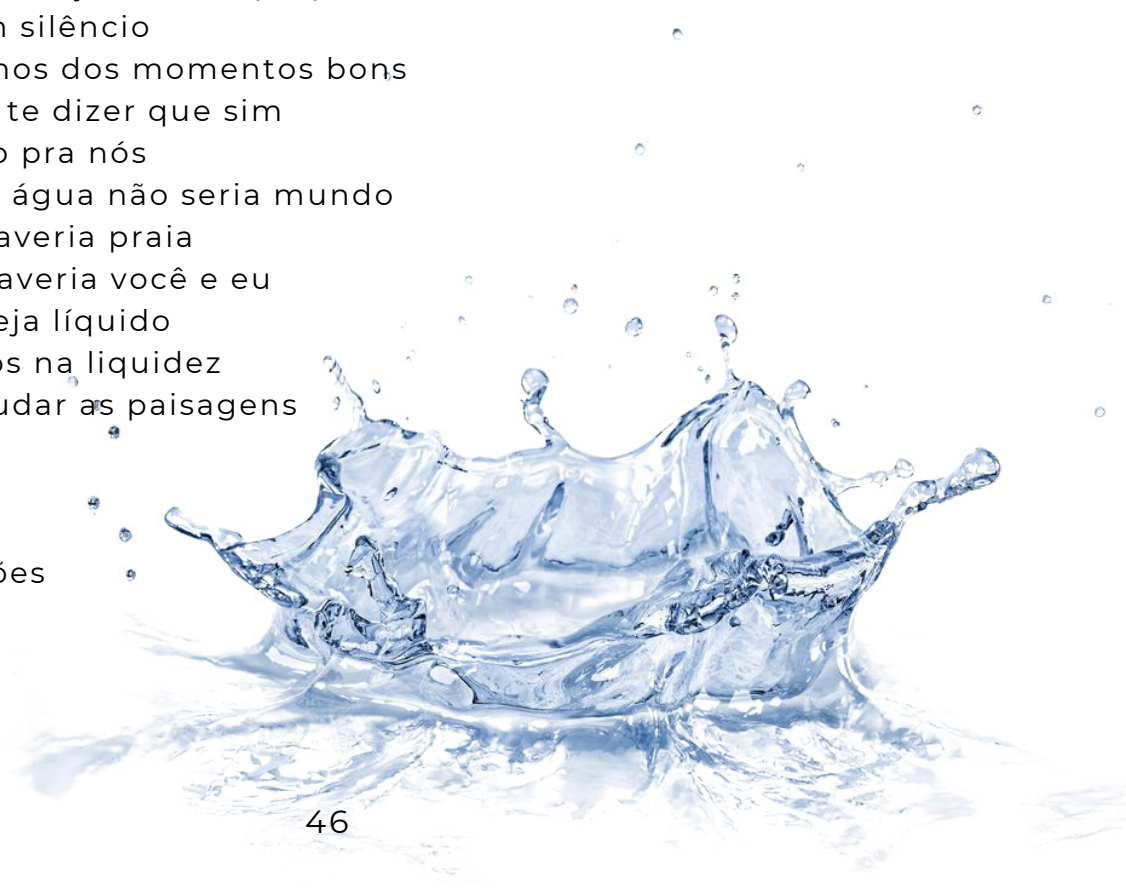


"O viver é coletivo"

Texto: Calopsita Amil

Imagens: Banco de imagens

O dis(sabor) de aceitar ser o que é
Nossas marcas não são sobre nossos momentos bons
É sobre(viver) aos momentos caóticos
Não é sobre lembrar dos nossos momentos ruins
É sobre(viver) às nossas dores
E os nossos anseios
Com alguém que amamos de verdade
Não é sobre se apegar a nossa parte negativa da coisa
É sobre(viver) a cada dia como se amanhã fosse melhorar
Porque a gente sabe que vai
Porque nossa esperança é um superpoder inerente
Compartilhado em silêncio
E quando duvidamos dos momentos bons
A comunidade vai te dizer que sim
Que é tudo líquido pra nós
Mas o mundo sem água não seria mundo
E sem água não haveria praia
E sem praia não haveria você e eu
Então, que tudo seja líquido
E que encontremos na liquidez
A força que faz mudar as paisagens
Os continentes
As realidades
As aceitações
E os nossos corações



INFERNO DE UM "DANTE" LÉSBICO

Texto: Marcela Reis

Fotografia: Simone Almeida

Imagens: Banco de imagens
free

Há muito pouco tempo essa data é especial pra mim, e, apesar de me considerar incapaz de organizar meus pensamentos, minhas convicções, minhas teorias e traumas, cá estou tentando, de maneira incerta. Mal sei se isso será publicado.

Desejo falar como uma mulher lésbica que, como diria minha mãe, "nasceu em berço evangélico". É com muita dor que eu escrevo, quem dera contar minha história como eu imaginava quando era criança. Planejei falar da casa da árvore da creche católica perto do trabalho do meu pai, e do meu amigo preferido Caio, que gostava muito do meu gato-de-botas. Do meu jardim secreto, que nada mais era que um pedaço de grama num canto de estacionamento. Do nascimento da minha irmãzinha. Da minha querida Vanessa. Em vez disso, falarei do meu medo do inferno, pra onde eu tinha certeza que ia, antes mesmo de saber que era lésbica, antes mesmo de aprender a falar "inferno" corretamente.

**Você não é a
única.**

Nós existimos.

**Merecemos
existir.**

Eu orava toda noite, com sinceridade, a fim de evitar os pesadelos que me perseguiam. Os mais horríveis dos demônios invadiam meu quarto, não conseguia me livrar deles. Orar ajudava, já que enquanto eu o fazia, produzia imagens felizes e tranquilas que se repetiam até que eu caísse no sono. A minha imaginação me protegeu até que não pôde mais. Minha mente se tornou um cárcere, e a igreja me sentenciou. Os monstros saíram dos meus sonhos, e juro por Deus, às vezes os enxergava no espelho, olhando de volta pra mim. Ser humana já era um pecado, mas ser mulher era profano, e eu digo isso, porque podíamos lidar com homens bravos, putos da vida. Podíamos lidar com o ciúme deles, era justificável. Inveja? Perdoável. Mas ninguém se pronuncia sobre o pedacinho de merda que uma mulher se sente quando vivencia todas essas emoções. A culpa é o que gera a abominação.

Mas eu não posso dizer que me sentia culpada por pensar em mulheres. Na verdade, aos oito anos, na escola católica, quando pensei na Thaís do 4ºD, e quis ficar perto dela e ser a sua pessoa preferida, percebi que queria repetir aquela sensação, que queria sentir de novo, mesmo quando ela me ignorou numa terça-feira, depois de eu ter entregado 35 desenhos que eu fiz e embrulhei num imenso saco de presente prata na segunda. Não era possível que aquilo me condenasse ao inferno. Com o tempo percebi que era, e que se Deus não o fizesse, minha família o faria.

Eu me assumi aos 20 anos, cinco anos depois de descobrir que amava mulheres, e foi como finalmente poder respirar sem a sensação de algo pressionando minha traqueia.



Mesmo assim, desde a primeira vez nunca deixei de sentir: parei com os desenhos por um tempo, então foram pulseiras, bilhetes, e então desenhos de novo, comida caseira. Hoje deve ser um pouco de tudo, (minha namorada, aquela sortuda).

No entanto, eu ainda sinto o ódio me perseguindo pelos corredores. Eu ainda tenho pesadelos e ainda vejo monstros em espelhos, ainda que meu inferno e meus demônios sejam outros. A solidão é a pior, mas a negligência, o abandono e o descaso nunca te deixam quando se é uma mulher, muito menos quando se é uma mulher lésbica. E em todo lugar é preciso provar nossa dor e nosso direito de existir, os nossos medos muitas vezes não fazem sentido nem pra quem é da comunidade, mas resistimos. Mesmo que estejamos exaustas, lutando para manter o ar que respiramos, ameaçadas de nos tirarem tudo o que temos e conquistamos, resistimos.

Eu, Marcela, amo ser lésbica. Amo amar mulheres, estar com elas, beijá-las, apoiá-las. Pra todas as lésbicas que me leem: sintam-se abraçadas. Apenas nós sabemos como nos sentimos — precisamos umas das outras, por isso não desista: continue nos procurando. Vá atrás de projetos, de grupos, de palestras, principalmente se em casa ou na escola, as respostas pareçam erradas.

Você não é a única. Nós
existimos.
Merecemos existir.

Feliz dia da visibilidade lésbica!
(especialmente àquelas
que eu amo).

Ser Lésbica é Revolucionário

Texto: Nay Rosário

Foto: Ilha de Lesbos -2019



Vixe! É tanta coisa.

Antes de expor em palavras escritas o que é ser lésbica para mim, faço sempre aquele exercício de agrupar informações de cunho histórico como, por exemplo, a raiz grega do termo já que deriva do nome lesbos, ilha da poetisa Safo e dos primeiros registros de textos sobre amor entre mulheres. Penso também nas inúmeras mudanças que ocorreram desde o tribadismo livre das civilizações antigas onde a homoafetividade fazia parte dos processos educacionais e de formação de caráter dos seres humanos, passando pela ascensão de certas doutrinas religiosas e o período do obscurantismo entre controles/ demonizações/ proibições/ punições e caçadas até desaguar nesse mar contemporâneo de vivências e expressões de uma mesma sexualidade.

Durante anos, fui moldada para servir a sociedade e tolhida de realizar meus simples desejos de criança/adolescente destoante. Aliando questões de ordem estética que me fizeram ter a necessidade de passar despercebida pelos olhos alheios e multidões. Cresci sem nenhuma referência LGBT abertamente assumido na família e quando conhecia algum, logo era retirada do ambiente. Como se ser homossexual fosse uma doença contagiosa. Fora falatório em tom pejorativo. A partir do instante em que completei a maioridade e fui me conectando a outras histórias similares - ou não - à minha, fui me percebendo. Fiz, e ainda faço, acompanhamento psicológico por diversas questões que se esbarram no caminho da sociabilidade e sexualidade. E a cada dia descubro uma nova maneira de ser.

Voltando a pergunta que iniciou tais divagações: "O que é ser lésbica para mim?"

São microrrevoluções diárias. Não é só sair escancarando portas e armários gritando a plenos pulmões que sou chupadora oficial de regiões corpóreas. É me perceber enquanto componente de um organismo maior do que meu umbigo e, dentro das minhas possibilidades, auxiliar outras pessoas. É não permitir que ninguém, principalmente os familiares consanguíneos, se achem no direito de vociferar que ser quem sou e viver plenamente a minha sexualidade é um erro. É ser e fazer política, no sentido de mobilizar e direcionar ações cotidianas que possam contribuir beneficentemente para a comunidade. Ser lésbica é revolucionar a vida em cada tentativa de ser feliz.





1%

Texto: Mariana Mamede

Já faz quase um ano que você foi embora. Mas os pedaços de você que ficaram pra trás ainda estão aqui.

Com ela, você deixou suas roupas, seu corte de cabelo e sentimentos dos quais ela não vai me falar, porque graças a você, eu não sou mais uma das pessoas com quem ela pode se abrir.

Porque eu não quero ser. Porque dói. Porque estar na presença dela é como esbarrar em um hematoma que eu já havia esquecido que estava ali, mas que a dor ainda ecoa quando existe contato.

Já comigo, você deixou memórias de um tempo em que eu quase fui feliz. Até não ser mais. Teria sido mais fácil suportar a fome, se você nunca tivesse me feito sentir o gosto do que poderia ter sido.

E logo antes de partir, você me deixou suas plantas, que já estão vivas a mais tempo que qualquer sentimento que você já teve por mim que foi capaz de sobreviver.

Acho isso curioso. Eu nunca sequer reguei essas plantas. As deixo onde não bate sol, regadas pela chuva e quando não chove elas secam um pouco, e eu sequer podo suas folhas secas.

Se eu desse a elas 1% de toda a atenção e cuidado que eu te devotei, tenho certeza de que hoje elas não estariam apenas vivas. Elas seriam a coisa mais linda na minha casa.

Demorou, mas hoje eu sei que o problema não sou eu que ofereço pouco. O problema foi ter oferecido demais de mim aquilo que estava fadado a nunca florescer.

Eu odeio o nosso primeiro beijo ter sido o melhor primeiro beijo de toda a minha vida.

Odeio mais ainda o fato de que ele vai continuar pra sempre sendo o melhor primeiro beijo de toda a minha vida.

Porque você matou a parte de mim que se importava com primeiros beijos, com aquele quentinho que se acende no peito na fagulha de um primeiro toque.

E tudo bem, eu sabia que ela iria morrer um dia. Mas porquê você precisou assassiná-la com tanta crueldade? Por que de forma tão brutal?

Eu não fazia ideia da preciosidade de tudo que eu te devotei de graça. O que eu te dei era tão valioso que não existe ouro no mundo capaz de comprar.

Você me quebrou de tantas formas e em tantos pedaços diferentes que eu honestamente pensei que passaria o resto da vida em pedaços.

Mas o que eu fiz foi pegar todo o ouro que te dei, e pra tantas outras antes de você, e o usei pra me remendar.

Eu jamais serei inteira de novo, mas jamais estarei em pedaços tampouco. Hoje sou a versão mais linda de mim mesma, como uma louça quebrada que foi remendada com ouro (kintsugi).

E como tal, sou incapaz de me permitir ser usada de novo. Ao contrário, só pertencerei a alguém que, sabendo meu valor, me guarde com esmero.

Você pode ter matado a parte de mim que faria outra pessoa o melhor primeiro beijo da minha vida tomando seu lugar. Mas você jamais terá a minha melhor versão, aquela que surgiu nos destroços do que sobrou de mim depois de você.

Vamos fingir que eu falei das suas tatuagens lindas

Ou da mecha platinada no seu cabelo preto

Vamos fingir que eu perguntei qual era a música que você estava ouvindo

Ou que eu pedi emprestado o seu isqueiro

E que depois disso nós conversamos por horas até chegar naqueles assuntos que não falamos nunca

As coisas que estão sempre na nossa mente, mas não mostramos pra ninguém

E que por algumas horas esse vazio no meu peito desapareceu

Ou que você se tornou parte da minha vida

Porque eu posso me dar ao luxo de imaginar que você é uma pessoa interessante

Afinal de contas, eu te deixei ir sem nunca te dizer uma palavra

Você pode se dar ao luxo de ser um perfeito "e se" que nunca vai me desapontar

REBUCETEIO

Texto: Fernanda Egashira

1ª parte

Acabei de sentar no meu assento e vou aproveitar as horas livres pra contar o romance mais marcante da minha vida pra vocês:

Amigas em comum, aquele nome já tinha circulado perto de mim antes, mas a figura só se materializou na minha frente num fim de semana de sol qualquer, num churrasco qualquer, amiga de qualquer das minhas amigas. Eu só não sabia que não tinha nada de qualquer naquele dia.

Geralmente eu sou uma pessoa comunicativa, mas aquele dia eu estava me sentindo um pouco mais que isso, caipirinha parece fazer isso comigo às vezes. Camiseta preta, detalhes num vermelho sangue, calça *jeans* clarinha, nada de mais, mas a pessoa em questão parecia ter encontrado em mim algum quadro de Van Gogh.

Em algum momento naquela roda de conversa fiada, eu dei um jeito de chegar mais perto dela e tive a ligeira sensação que ela buscava o mesmo que eu, aproximação.

Eu sempre me sinto atraída pela forma que as pessoas se comunicam, algo mágico acontece quando palavras certas saem da boca de pessoas certas, com aquela dose de sorriso certo, jogada de cabelo no tempo certo, girada de corpo na direção certa, de preferência na minha.

Era isso, eu sabia que ela estava na minha, tanto quanto ela sabia que eu estava na dela. Começamos a dançar: conversas conjuntas com a roda toda, conversas paralelas entre eu e ela, voltávamos pra roda, voltávamos pra nós. Dois pra cá, dois pra lá.

Ela levantou pra encher o copo de suco, sim minhas caras, ela estava num suco e eu também, a diferença é que o dela era zero açúcar e o meu além de açúcar, tinha um cadinho de cachaça. Ali eu sabia que éramos almas gêmeas.

Tô falando isso, mas juro, não sou *emocionada*. Longe de mim ver ela segurando um copo de suco e imaginar a gente viajando o mundo, experimentando comidas exóticas por aí.

Ela perguntou se eu aceitava, eu levantei e aceitei só o gelo, dei meu melhor sorriso, agradei e puxei um cigarro do bolso, virei pra me afastar e ir fumar um tanto afastada das amigas. Antes que eu fosse, ela perguntou se eu *arrumava* um pra ela, voltei o rosto e fiz sinal pra me acompanhar pro cantinho das fumantes.

Ela e eu, fumando e rindo, aquela travada naquele músculo da bochecha, pro sorriso soar natural e esconder o nervosismo. Aquela encarada na boca e aquela baixa na cabeça pra não encarar os olhos e tentar disfarçar a vontade que o corpo tá gritando de curiosidade, mas que você não pode mostrar assim de qualquer jeito, pra não assustar a dona dos seus últimos sonhos de vida de 60 minutos atrás em diante.

Quais eram as chances eu pensava? Pessoa legal, sorridente, bom papo, divertida, inteligente e maravilhosamente bonita. Como é que ela segurava esse peso todo sem mostrar um defeitinho que seja?

Encostamos numa mureta, lado a lado, em algum momento de uma risada e outra eu coloquei um braço ao redor da cintura dela, era isso, a dança continuava pra nós duas, estávamos lado a lado, mas agora mais perto, sua voz chegava mais rápido aos meus ouvidos, seu perfume invadia meu cérebro, minha mão já fazia caminhadas nas suas costas e o beijo já estava por vir, a gente conhece esses movimentos, meu coração parecia que ia parar toda vez que nossos olhos se cruzavam, meu braço trouxe o corpo dela pra mais pertinho do meu, minha mão já subia pelas costas e acarinhava seu cabelo, eu sentia pela ponta dos dedos o arrepio que estava percorrendo o corpo dela. Em algum momento o silêncio se instalou e nossos olhos tiveram que terminar a conversa por conta própria.

Eu parei de respirar, olhei pra boca, subi para os olhos, desci pra boca mais uma vez e como se eu tivesse pedido e ela tivesse autorizado, eu a segurei pela nuca e a trouxe pra mais perto, ela veio, a boca já entre aberta, os olhos cerrados, com uma calma e um turbilhão ao mesmo tempo. Delicada, molhada, sensual, e gostosa! Que boca! Que beijo! Que delícia!

Minhas mãos posicionaram o corpo dela de frente a mim, corpo com corpo, de frente uma pra outra, seguradas pela mureta, apoiadas no fogo da ansiedade. A pausa da respiração e vi um sorriso gostoso, tímido até, com um Quê de conquista que vinha dela, mas parecia ser meu. Ela encostou a cabeça no meu pescoço um tempo depois, não consigo ser precisa nesse ponto, qual o tempo de um beijo? Como se calcula isso?

***Não sei dizer, minha
cabeça estava
concentrada só em sentir
um pouco mais daquele
contato físico que tava
me deixando louca,
quase pra explodir.***

A ansiedade deu uma acalmada, é sempre no primeiro beijo que a gente trava, mas ali, naquele momento, eu sentia ela relaxada, talvez ela sentisse a mim também. Mas não tenho como garantir que eu estava.

Ficamos nos enroscando, cheirosa demais ela estava, mas ela falava no pé do meu ouvido, que a cheirosa era eu. Aquela voz sussurrada no meu cangote, quase rouca e inaudível me fazia arrepiar, ela parecia achar graça, provocar, era uma coisa que ela parecia estar acostumada. Resolvi arriscar, chamei ela pra sair dali, minha casa era longe, a dela era perto. Ela é rápida, e eu gostei disso, queríamos a mesma coisa. Meio da tarde de um sábado bonito de sol e eu tava disposta a ficar enfurnada num quarto até segunda de manhã.

Eu ia seguir ela com meu carro, mas ela achou melhor me levar, depois voltaríamos pra buscar, disse que não confiava em quem bebia, eu sei, ela estava com a razão. Avisei uma amiga que estava de saída, que era uma emergência e bem, vocês sabem, tinha se tornado uma.

Me sentei no passageiro e a vi se concentrando pra sairmos dali, por um momento eu senti ela um tanto nervosa, fiz um carinho no seu braço e desci até sua coxa, parei ali e disse que se ela quisesse desistir, não teria problema nenhum, ficaria tudo bem. Ficaria mesmo, eu ia resolver sozinha depois toda as vontades que ela tinha provocado.

Mas ela desviou do meu carinho, abriu o porta-luvas e pegou seu óculos, disse rindo que só usava pra dirigir, mas que naquele momento eu tinha ficado mais bonita, pensei em falar pra ela voltar no médico e conferir o grau, não parecia muito certo.

Fiquei quieta e deixei a mão estacionada nas suas pernas, eu nunca achei alguém tão sexy dirigindo, era a primeira vez, às vezes ela me olhava, meio que pra conferir que eu estava bem, e sorria, e mordida os lábios, às vezes apertava minha mão na sua perna.

Ela estava ansiosa e arrisco dizer que até mais que eu, e olha que eu estava muito.

Chegamos no prédio, e quando me atrevi no elevador, ela me parou e disse que no hall de entrada mostrava as câmeras do elevador, que seu Pedro zelador, ia aplicar uma advertência nela, e ela não me queria culpada pela primeira advertência dela naquele condomínio.

Concordei e esperei chegar no 12º andar, ela abriu a porta e com um sorriso gigante, disse que era pra eu ficar a vontade, era só isso que eu precisava ouvir, ela empurrou a porta e automaticamente estávamos no sofá já quase sem roupa. Minha respiração me traía e mostrava muito do meu querer, minha camiseta já tinha voado, mas eu não vi a direção, eu tinha baixado o zíper da saia dela, mas com toda perfeição que a cena pedia, ele emperrou e ela dona da peça e do jogo de sedução, não me deixou na mão, terminou de descer e tirou, fazendo graça, me deixando extasiada. Parei por um momento. E contemplei aquela mulher, cheia de si, me servindo dela mesma de uma maneira que eu nem sei se já vi. Me afoguei no seu cabelo, segurei pelo pescoço e trouxe sua boca pra minha. A outra mão passeava, tirava uma alça e a outra ia sentindo tudo virar arrepio. Minha boca foi ganhando espaço naquele corpo, meus lábios já roçavam seu peito, não cabia tudo na minha boca, mas o que cabia, virava brinquedo na minha língua. Eu sentia a ponta

das unhas me cortando as costas, e os nossos corpos se esfregavam quentes, sem nenhum tecido nos separando, ela não falava nada, eu também não, a única coisa que parecia falar, eram os nossos gemidos, as mãos indo e vindo, eu sentia ela me apertar, minha mão descia e subia numa velocidade ímpar, e minha boca, minha boca só descia, minha mão chegou antes na buceta dela, e estava do jeitinho da sua que está lendo, deve estar agora: molhada, encharcada, pedindo um carinho. Meus dedos ficaram brincando na entrada e a cada investida de que iam penetrá-la o corpo dela subia e sua boca gemia, eu subi meu corpo, fiquei mais encaixada pra usar as mãos e beijá-la ao mesmo tempo. Provoquei um pouquinho e teria provocado mais se ela não tivesse dito com tanta vontade: me come!

A fala com aquele gemido gostoso e aquela buceta tão molhada, quem é que recusaria? Só sei, que eu não.



Nos beijávamos e eu coloquei 2 dedos dentro dela, ela cravou uma mão nas minhas costas e a outra ela segurava minha nuca, seu corpo arqueou pra cima e sua boca mordida a minha, gemia tão gostoso, tão perto do meu ouvido, não tem como parar, o movimento de ir e vir, aquela dança dos corpos, agora suados, as bocas ora se beijavam, ora gemiam, tudo vai ficando mais rápido, mais gostoso, e num momento de transe, uma das mãos dela entrou em mim e eu que já estava pronta pra gozar de carona vendo o ritmo dela, comecei a ficar alucinada com ela mexendo aqueles dedos dentro de mim no mesmo ritmo que os meus entravam e saíam de dentro dela. Gemíamos juntas e por um instante eu vi um sorrisinho de satisfação nela, entre um gemido e uma mordida, não consegui prestar atenção nisso por muito mais que 1 segundo, eu queria segurar o inevitável, eu ia gozar muito mais rápido do que eu queria, travei a mão dela entre as minhas pernas, coloquei um braço nas suas costas e mantive ela erguida, sem parar de entrar e sair e quando ela mostrou que ia gozar, relaxei as pernas e deixei ela continuar o que estava fazendo, eu não sabia que ia dar tão certo, em algum momento entre 1 segundo e a eternidade nossos corpos ficaram rígidos, os dedos foram até onde o limite físico permitia, caímos do sofá, mas ela ainda estava dentro de mim e eu dela, tudo tremia, minhas pernas ficaram com seus espasmos e eu fui tirando a mão dela de dentro de mim, mantive a minha dentro dela. Quando eu voltei a ter controle sobre meu corpo, nos beijamos, com toda delicadeza que pode existir depois de uma transa como aquela. O corpo dela foi ficando relaxado e caído naquele carpete, eu tirei o braço que estava nas suas costas e comecei a fazer carinho no seu corpo, minha boca foi descendo e beijando cada centímetro dela, sem pressa, só carinho, descendo, até alcançar o que escorria dela. Minha língua lambeu a entrada daquela buceta, e o corpo dela ficou em alerta, o gosto dela, eu tava sentindo o gosto dela. Não tem como sentir isso e ficar só na entrada, com uma mão, eu pedi licença na entrada e abri caminho pra minha língua passar, eu entrei e tive a sensação que ela



tentava tirar minha boca dali pelos cabelos, mas ao mesmo tempo sentia ela empurrando minha cabeça mais pra dentro, abri distância com as mãos, apoiei uma das duas pernas no meu ombro, encaixei meu rosto entre suas coxas e mergulhei no gozo dela, na busca de outro, ela começou a arquear o corpo e recolher, eu precisava de uma posição mais firme, segurei em volta das coxas e travei elas abertas e chupei, chupei tudo, lambi ela inteira, mergulhei a língua até onde deu, senti seu corpo repuxar e quase me faltou ar quando ela tentou fechar as pernas com a minha cara lá. Ela gemia tão gostoso, tinha um ar de desespero ali, e do nada um urro dela e o corpo voltando pro chão, não tinha mais força pra puxar meu cabelo, seu corpo tremia e eu tirei minha língua dali, fui subindo aos poucos e aos beijos, sentindo sua pele e seu cheiro. Ela continuava dando gemidinhos, seus braços estavam caídos pro lado e eu alcancei seu rosto, fiquei olhando pra ela, reparando nos seus traços. Por alguma razão ela sentia vergonha, me puxou o suficiente pra eu encostar no seu pescoço e descansar minha cabeça ali, eu estava exausta, e abracei ela, ficamos nessa posição, por algumas horas, até começarmos tudo de novo.

2ª parte

Agora vou contextualizar vocês sobre quem é importante nesse rolê, Michelle e Maria, a Mi é minha melhor amiga, a gente quase não se fala, talvez seja por isso que eu a considere a melhor, amizade zero cobrança, mas se eu ou ela precisar a gente faz os correios e resolve. Ela é um espelho do tipo de ser humano que eu espero ser um dia, e não, a bichinha tá longe de ser perfeita, mas é no reconhecer suas questões e na busca por se melhorar que ela é meu espelho.

Ela sempre sonhou com uma família, teve uns romances onde acreditou ter encontrado a tampa da sua panela, sofreu um monte nesses rolês de coração e entrega, mas ela é perseverante e no fim das contas encontrou a Maria.

Maria teve um grande amor antes da Mi e às vezes ela conta o que fazia com a menina num nível de relacionamento bizarro de tóxico. Maria puxa a culpa toda pra ela e sabe que se não fosse suas crises, teria vivido uma grande história antes da Mi.

Mas voltando a Mi, o começo foi tenso, eu não achei que ia durar muito, Maria dava umas surtadas de ciúmes e a Mi não aguenta muito esse tipo de situação, mas quando não tinha surto, qualquer um percebia que nasceram uma pra outra. Um dia depois de um *big* surto, onde as coisas caminharam pro término entre elas. Maria sentou no chão, a Mi no sofá, com a cabeça da Maria entre seus joelhos, chorando de soluçar, elas se propuseram uma terapia, tinham 4 meses de namoro e se queriam mais que isso, mas principalmente a Maria, sabia que estava pra perder a Mi, ou ela mudava ou ,



perdia o “talvez grande amor da sua vida” e pasmem: Maria foi pra terapia, entendeu parte das suas questões, a forma como foi criada e como via as relações dentro de casa, quando era criança, fizeram ela acreditar que surtar de ciúmes era prova de amor. Hoje ela é ativista de terapia, a melhora dela é tão absurda que até eu penso em fazer. Ela sempre prega que os nossos traumas são criados na infância, por isso a gente não entende bem porque se sente assim ou assado em determinadas situações, que só a terapia pode mostrar e curar algumas marcas que carregamos na alma.

No final das contas, estão juntas há 4 anos, sendo 2 de casamento. Eu sou madrinha desse rolê e morro de orgulho da relação que elas construíram, longe de ser perfeita, mas elas são tão humanas que me toca em um nível difícil de descrever.

Agora eu, quem sou? Sou capricorniana com a lua em câncer, isso me cancela muito, muito provavelmente serei a Caprica mais chorona que vocês vão conhecer na vida.

Me apaixono o tempo todo, mas não vivo todos os romances que aparecem, e...

3ª parte

Vocês já entenderam que as coisas não terminaram bem pra mim né?!

Pois se não perceberam eu vou contar alguns dos detalhes por trás desse romance, que não foi o último, mas é o que eu tenho na memória praticamente todos os dias.

Duda era praticamente a resposta das minhas orações, era o que eu pedia ao universo quando falava de amor com Deus, nunca se atrasou pro trabalho, nem faltou, amava o que fazia, era farmacêutica na indústria, estudava muito pra ser boa, e embora eu não entenda nada da área dela, eu fui testemunha dos seus estudos e de alguns fins de semanas que ela passava estudando. Ela falava com a mãe todos os dias, com a Roberta, sua melhor amiga, também. Conheci as duas, eu amava as duas, adorava o fato de amar a mulher que eu queria chamar de sogra e amava igualmente o fato de gostar tanto da melhor amiga da dona do meu coração. Conseguimos fazer juntas uma única viagem nos 3 meses que quase namoramos.

Ficamos 4 dias em Paraty - RJ e de todas as viagens que eu já fiz, essa eu me lembro de cada detalhe, a cor do guardanapo de pano era verde no primeiro restaurante, ela pediu suco de limão sem açúcar, tinham flores nas mesas e na nossa eram cravos coloridos com um girassol no meio, ela amava girassol, eu pedi pra dona do restaurante antes de ir embora, e saímos de lá com ela feliz e seu girassol na mão.

Fizemos um passeio pra Trindade e



Paraty- foto de internet

conversamos com outro casal apaixonado, era a 4ª vez deles por lá, falaram que era o destino certo pra casais, só reforçou em nós o quanto acertamos na escolha do destino.

Vou deixar essas lembranças no lugar delas e terminar de contar meu romance:

Tirando a parte que ela acordava feliz todas as manhãs e eu acordava o cão de tão mal humorada, éramos perfeitas uma pra outra.

Dava pra imaginar numa piscada só, uma casinha gostosa com uns *doguinhos* soltos pelo sofá, eu a reclamar e ela mandando eu relaxar um pouco, uma vida bem perfeita ao lado dela.

Num dia qualquer a Mi e a Maria chegaram de viagem e eu estava super ansiosa pra apresentar elas pra Duda. Marquei com a Mi uma sexta à noite e contei por cima que tinha achado a mulher da minha vida. Ela está acostumada a escutar de mim o contrário, ficou feliz, sempre disse que eu encontraria alguém e que seria exatamente do jeito que estava sendo.

Fiz uma jantinha e esperamos elas e com o atraso que é costume delas, finalmente chegaram.

Fui correndo abrir a porta quando a campainha tocou, abracei por uma eternidade a Mi, acho que tinha uns 8 meses que a gente não conseguia se encontrar. Ela é jornalista e está sempre nos *corres*, a gente estava se devendo um encontro, quando soltei a Mi, vi a Duda e a Maria se abraçarem e percebemos que elas já se conheciam.

Eu achei maravilhoso saber que elas já eram conhecidas, sentamos e comemos, eu e a Mi tínhamos muita história juntas e começamos a falar sem parar, elas só nos ouviam e riam. Eu senti uma coisa estranha no ar, mas não sabia bem o que era que estava acontecendo. Mas a Maria percebeu que tinha que explicar alguma coisa e tomou a frente dizendo que ela e a Duda já tinham namorado, eu fiquei surpresa, mas não achei algo surreal, nem nada demais na verdade. Terminamos a noite gargalhando as 4 e tudo pareceu bem. Elas foram embora e só aí eu vi que tinha acontecido muita coisa dentro da Duda. Ela tentava parecer normal, mas eu sou observadora pra algumas poucas coisas, uma delas é a feição das pessoas pra alguns nomes.

Corta pra hoje, lá atrás tinham muitos detalhes que hoje não fazem tanta diferença.

Fato é que a Duda e eu terminamos 2 semanas depois daquela sexta, ela não queria terminar, disse que era coisa da minha cabeça, que ela estava apaixonada por mim e que a Maria estava no passado dela.



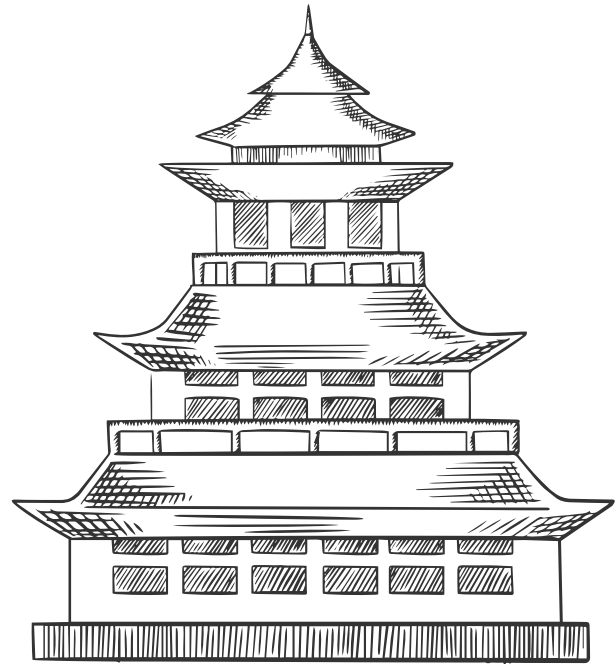
Mas pensem vocês comigo: a Maria tinha sido o grande amor da vida dela até aquele momento. A Maria estava muito bem casada com a Mi. A Mi era minha melhor amiga, eu não ia conseguir equilibrar essa balança, não tinha como anular o que a Maria foi pra Duda e eu tinha que conseguir lidar com aquilo.

Eu acreditava que a Duda estava apaixonada por mim tanto quanto acreditava que ela gostaria de estar no lugar da Mi, por que eu vi as expressões dela toda vez que falava algo relacionado a Mi e a Maria. Eu não sei de que forma isso mexia com ela, só sabia que mexia e sabia também que eu teria que passar por cima de muita coisa pra ficar com ela, mas não estava disposta a me sentir assombrada toda vez que encontrássemos com elas.

Se eu levasse isso adiante naquele momento, eu viraria uma pessoa insegura com tudo relacionado à Duda, e dentro de mim naquele momento, seja por medo, insegurança, imaturidade ou qualquer outro sentimento parecido, valia muito mais acabar com aquilo logo, do que alimentar os monstros que eu sei que carrego.

Tomei minha decisão e fui viver minha vida, é praticamente impossível eu voltar atrás de uma decisão, então ignorei todas as chamadas da Duda, todas as mensagens. Chorei por uma semana seguida sem parar. Depois chorei por meses quando algo me lembrava dela, hoje só choro quando conto essa história.

Já tem 5 anos que eu não falo com a Duda, eu nunca mais cruzei com ela, a vida deu seu jeito de nos manter



afastadas depois que ela parou de tentar contato comigo.

Um ano atrás eu soube que ela largou sua carreira, nunca mais namorou ninguém e trabalha com arte nas praias do Brasil. Vive só pelo hoje, o passado dela morreu e parece que o futuro pouco importa.

Hoje de manhã uma amiga que estava em Búzios, cruzou com ela por lá e num comentário qualquer ela disse que ia tentar a sorte em Paraty.

Talvez a sorte pisque pra nós mais uma vez, talvez eu realmente consiga ressignificar aquela viagem, só decidi que não dá pra continuar ano após ano pensando o que teria sido de nós.

O motorista acabou de estacionar na rodoviária, vou pegar minha mochila e garimpar o que ainda pode ser o grande amor da minha vida!

Talvez, esse seja meu grande ato de coragem! Me desejem: Sorte!



Foto: Arquivo Pessoal

TERRASANTA São Paulo, São
Jorge, Santa **C**ecília, Santa
Efigênia, São Miguel, terra**a**
da garoa, da tempestade,
dos pardais, das **ó**ticas, das
quatro estações, das
estações de pedras, terra
concreto, vista panorâmica,
vista**t**a da serra, v**i**sta da
sacada, vista periférica,
vista da estrada, espaço
ocioso, espaço pra **c**ois**a**s

Vista do
espaço

Aldar**a**quel



Foto: Simone Almeida

Solidão da mulher negra

Texto: Micheli Moreira

imagem: Canva



Nós últimos anos muito se ouve falar sobre o empoderamento da mulher, muito se debate sobre as forças e a revolução que é discutir a mulheridade. Mas na medida que cresce esse tema, se torna ainda mais evidente as lacunas que ainda existem hoje, em 2023, sobre o entendimento do que a solidão- que é resultado do racismo estrutural, a falta da tal sororidade do feminismo e a própria militância- causa na vida das mulheres pretas.

Percebo que um dos passos importantes para aprendermos a lidar com essa solidão, é o auto amor. Amar nossos traços, nossa história, nossos ancestrais, nossas religiões(que são múltiplas, diga -se de passagem). Quando olhamos para o espelho e amamos aquilo que se reflete, amamos nossas intelectualidades e expertises, aprendermos a gostar daquilo que a nós é semelhante, quebramos sistematicamente barreiras criadas e impostas a nós por anos!

Falar sobre amarmos o que enxergamos ao ver o reflexo no espelho, está para além de nos acharmos bonitas, mas envolve também algo muito importante que é o fortalecimento em rede. E se fortalecer em rede também significa entendermos a importância que é mostrarmos para os nossos mais novos, a beleza que existe em nossos traços, nossos cabelos, nossos turbantes, nossa cultura e etc.

É através de fortalecermos nossas raízes que conseguiremos gerar frutos lindos que são nossas crianças, nossos jovens. É importante mostrarmos para elas e quebrarmos desde cedo esse sistema de demonização dos nossos corpos. Mostrar para as nossas crianças que o corpo preto é lindo, que o corpo preto é digno de ser amado, que a mulher preta é digna de se construir uma família, que a mulher preta é também para ser amada em praça pública. Quando entendemos a força dessas palavras e as tornamos em atitudes, quebraremos então esse projeto de extermínio que foi muito bem pensado e articulado pelos brancos de outrora, romperemos as lacunas que a falta de amor para com as nossas, e conseguiremos pensar em um futuro que não seja utópico, mas sim um futuro de amor para todas.



Mulheres: se amem!

**Mulheres pretas: Se
amem e tomem posse
de suas realezas
roubadas por anos!**

POEMAS LIBERTOS

Poeta Libélula

Você você pode libertar poemas com lupas
Temas: selecione a unidades ou dúzias
Com chave estrelada chave de fenda
Chaves adaptadoras chave de vela
Libertar iluminar as palavras entranhadas na mente

Com alicate de corte bisturi pode sim
O corte é preciso entre as palavras de preferência
escritas

Em papel fosco, branco, pardo, quadriculado
multicolorido

palavras em forma? papel machê



O tema?

Em caso de poemas difíceis use o silêncio
Ou o martelo, bigorna, estribo
Desperta A musa, a música
Ela capta vibrações "poemais" aprisionadas
Surfa ondas que atravessam uma concha, um meato
acústico
Labirinto Ósseo e uns canais semicirculares
Desembocando em terreno fértil
Um ambiente líquido, oceano de poemas

Navega

~~██████████~~ Aprecio pensamentos céu

Pensamento nas nuvens

Pensamentos eólicos **Fluem**



linktr.ee/sapartista